

# A Faculdade Nacional de Filosofia

Reportagem de

ADALBERTO MÁRIO RIBEIRO

"A Faculdade Nacional de Filosofia nasceu com o propósito de aprimorar, orientar, disciplinar, nas suas bases gerais, a cultura de nosso país. A sua penetração deverá ser profunda. Dela e de seu exemplo resultarão influências vitais para todo o nosso organismo educacional, desde o setor primário até às diversificações universitárias". — GUSTAVO CAMPANHA.

**I**NICIAMOS no corrente ano nossa colaboração à *Revista do Serviço Público* com longo trabalho sobre o Jardim Botânico, ressaltando-lhe os encantos por meio de numerosas fotografias e descrevendo, com a ajuda dos cientistas que ali trabalham, os estudos e as pesquisas que no nobre parque da cidade se vêm realizando nos diferentes ramos da botânica.

Neste número da *Revista* outro centro de ensino e pesquisas vamos focalizar, a Faculdade Nacional de Filosofia, cujas atividades ainda não são devidamente conhecidas do grande público. Natural. O Decreto-lei n.º 1.190, que lhe deu organização, é relativamente recente: data de 4 de abril de 1939. Por outro lado, a denominação desse órgão da Universidade do Brasil, anteriormente chamado Faculdade Nacional de Filosofia, Ciências e Letras, instituída pela Lei n.º 452, de 5 de julho de 1937, tem dado margem a interpretação diversa de suas finalidades. Mas aqui estamos para mencioná-las, para mencioná-las e também para descrevê-las. Não custa.

O art. 1.º do Decreto-lei n.º 1.190 diz que as finalidades são estas:

- a) preparar trabalhadores intelectuais para o exercício das altas atividades culturais de ordem desinteressada ou técnica;
- b) preparar candidatos ao magistério do ensino secundário e normal;
- c) realizar pesquisas nos vários domínios da cultura, que constituam objeto de seu ensino.

Para apreciar devidamente essas finalidades, claro que o repórter não precisa falar. O recurso que lhe resta é entrevistar o diretor da Faculdade e alguns de seus professores. Antes, porém, de dar a palavra aos mestres, devemos dizer

## ONDE FUNCIONA A FACULDADE

Entre a rua de Santa Luzia e o mar, à avenida Aparício Borges n.º 40, em moderno recanto do Rio, funciona a Faculdade Nacional de Filosofia. Aquela rua, onde noutros tempos passava o bonzinho de burros "Lapa-Lavradio-Carcelar", revela ainda vestígios do Rio antigo, com dois marcos expressivos: a graciosa igreja de Santa Luzia e o vetusto edifício da Santa Casa, pouco adiante, com seu nobre pórtico de colunas de granito, em conjunto harmonioso com a escadaria que lhe dá acesso. Não acreditamos, porém, na conservação por muito tempo dessas construções seculares. Não somos ainda muito apegados à tradição...

Não sabemos mesmo como ainda não foi sacrificado pela picareta destruidora o gracioso templo onde se venera a santa que faz o homem ver melhor as coisas, aclarando-lhe a vista quando escurecida pela enfermidade. E bom seria se lhe iluminasse também o coração, tornando-o mais compassivo e indulgente...

Em todo o caso, já é um consolo observar-se respeito à graciosa igreja azul, de um azul côr do céu, insulada em meio de verde gramado e a regular distância dos arranha-céus de agressiva imponência.

E assim considerávamos as coisas quando nos encaminhávamos pelo largo fronteiro à igreja e em demanda da sede da Faculdade, instalada na antiga Casa d'Itália.

O novo órgão da Universidade do Brasil ocupa nesse edifício quatro andares: o 2.º, o 4.º, o 5.º e o 6.º, mantendo ainda algumas seções na sede



primitiva, na Escola José de Alencar, no largo do Machado.

No 3.º andar funciona uma dependência do Ministério da Justiça: o Juízo de Menores.

Quando subíamos ao 4.º andar, onde deveríamos falar ao diretor da Faculdade, o elevador deixou no 3.º três senhoras pobres e dois meninos, gente sofredora que no Juízo de Menores ia procurar, com certeza, alguma assistência oficial, amparo, por algum tempo, para os filhos carecedores de proteção. E, por natural associação de idéias, veio-nos à lembrança a penosa tarefa do Serviço



A sede da Faculdade Nacional de Filosofia, à avenida Aparício Borges n.º 40, esquina da avenida Beira-Mar

de Assistência a Menores, que lá na rua S. Cristóvão n.º 482, recebe depois êsses meninos e meninas pobres que o Juízo lhe envia para serem depois distribuídos pelo Instituto Profissional 15 de Novembro, em Quintino Bocayuva, e por vários patronatos do Governo e também por instituições particulares por êle subvencionadas. O Prof. Meton de Alencar, diretor daquele Serviço, submete antes os menores a vários exames e testes, conforme já descrevemos nesta Revista, e depois inicia tarefa bem penosa: a de descobrir onde encon-

trar vagas suficientes nos patronatos para colocar tanta criança merecedora de proteção!

Soltamos aí esta linha de pingos, assim como se quiséssemos dizer: deixemos as pobres criancinhas lá com o boníssimo Meton de Alencar e cuidemos da Faculdade de Filosofia, onde não se ensina só a filosofar, mas um mundo de coisas bem mais práticas e úteis à vida real e dura cá de fora.

#### NO 4.º ANDAR

Esta reportagem seria, de certo, menos desinteressante se realizada noutra ocasião e não agora, em janeiro, quando a Faculdade mantém seus alunos em férias.

Mas pudemos antever pela atividade reinante na Secretaria o que será a vida normal do estabelecimento com seus cursos todos em funcionamento. Pela atividade da Secretaria e também pelos trabalhos de laboratório, onde encontramos professores inteiramente esquecidos de que se achavam em férias. Aliás, já observamos que homens de laboratório, entregues permanentemente a pesquisas científicas, não sabem mesmo distrair-se de outra forma... Lá em Manguinhos, fomos também encontrar o Professor Lauro Travassos e outras eminentes figuras da casa de Oswaldo Cruz em deliciosas férias... de laboratório, onde veraneiam em meio de complicados aparelhos e ao lado de numerosas gaiolas com cobaias e ratinhos brancos, que êles acham muito interessantes. E até o cheirinho característico dêsses laboratórios de biologia constitui para êsses pesquisadores delicioso perfume...

— Desejávamos falar ao secretário da Escola.

— Pois não. O gabinete do Dr. Heitor Corrêa é ali no fim da sala, à esquerda. O senhor pode entrar.

Passamos em meio de duas filas de mesas, tôdas ocupadas por funcionários, moças em maioria, e em seguida nos avistamos com o Dr. Heitor Corrêa, com quem conversamos um pouco. A seu lado, o jornalista Francisco de Assis Barbosa, a quem fomos apresentados. O autor das belas reportagens que, sob o título "Retratos de Família", o *Correio da Manhã* vem publicando aos domingos, mostra-se acolhedor para com o velho repórter, que lhe admira a técnica, o *savoir faire*, como bom disci-



pulo que é de Lytton Strachey, ao falar-nos, de forma simples e atraente, dos grandes vultos do passado.

Penetrante observador, Francisco Barbosa revela-nos na palestra, como em seus escritos, muita justeza e equilíbrio no julgar as pessoas e no apreciar as coisas. E quando, porventura, de nós discorda, o faz com franqueza, oferecendo-nos, entretanto, uma "deixa" que nos permita aperfeiçoar julgamento que nos parecia definitivo.

Sobre as finalidades da Faculdade Nacional de Filosofia, teve êle ensejo de referi-las em linhas gerais, de forma a possibilitar-nos melhor entendimento depois com o seu diretor quando o entrevistássemos.

O diretor não demorou muito. Não conseguimos, porém, tomar-lhe o tempo senão para dizer-lhe de nosso propósito de ouvi-lo com vagar logo que nos pudesse atender em ocasião que achasse oportuna. Ficou para o dia seguinte.

E assim estabelecido foi também cumprido. Conversamos com o Prof. Santiago Dantas, que preferiu expor e não dialogar com o repórter. E aqui damos suas observações sobre as finalidades da Faculdade que dirige e sobre suas apreciáveis realizações:

— "A Faculdade Nacional de Filosofia atende a duas finalidades inscritas no art. 1.º da lei que a criou. A primeira delas é a preparação de homens de ciência e de humanistas consagrados ao estudo desinteressado. A segunda, é a preparação de professores para o ensino secundário, que entre nós, até hoje, foram recrutados sem qualquer preparo prévio especializado.

Esta última finalidade é atendida pelo curso de didática, hoje em dia ministrado em um só ano a todos aqueles que concluíram um dos dez cursos de bacharelato realizados no estabelecimento. Evidentemente, a eficiência completa desses cursos depende de um passo essencial, que será dado provavelmente no corrente ano, segundo decisão do Ministro Gustavo Capanema: tal passo é a criação de um colégio experimental, onde os futuros professores possam fazer sua prática de ensino e onde se mantenha um professorado móvel, recrutado entre os licenciados do ano anterior. Tal colégio trabalhará em íntima relação com a cadeira de Didática Geral e Especial da Faculdade, cujos professô-

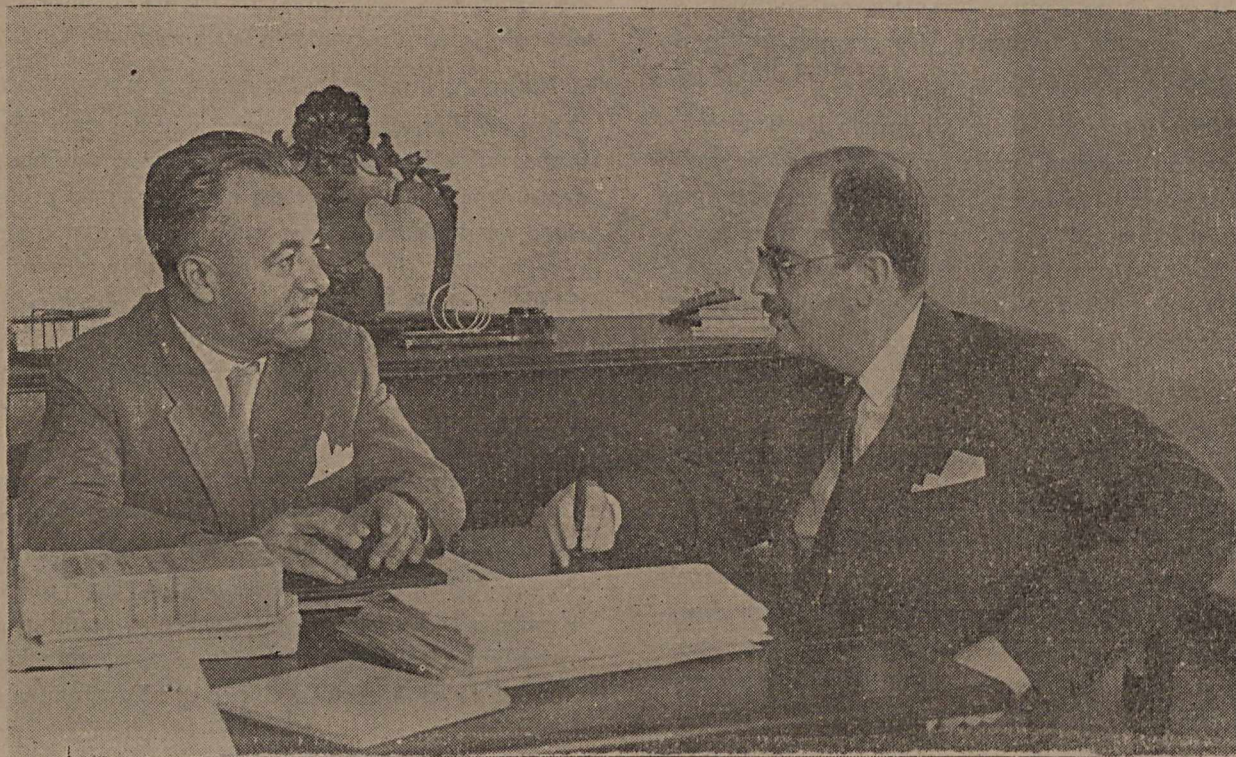
res assistentes deverão ser os chefes de ensino do estabelecimento secundário em causa.

Muito se discute atualmente nas nossas Faculdades de Filosofia e nos meios educacionais sobre a conveniência de se manter um curso autônomo, como o de Didática, para a preparação de professores secundários. Há os que pensam que o simples preparo científico ou humanístico, acrescido de um período de prática de ensino, é suficiente para formar professores tão perfeitos como os que saem dos cursos de formação professoral. Há, porém, de outro lado, os que pensam que a formação do professor depende de certas disciplinas fixando a melhor compreensão do próprio aluno, e que, portanto, é indispensável uma formação pedagógica completa para o ensino de qualquer matéria aos estudantes de colégios e ginásios. Este debate se refletirá necessariamente na futura reforma do ensino superior, e nele têm estado vivamente interessados os professores e alunos das Faculdades de Filosofia.

Se é importante a preparação de professores como finalidade desse instituto universitário, não o é menos a formação de cientistas e humanistas que possam fazer progredir desinteressadamente a nossa cultura superior.

Por mais aperfeiçoada que seja a técnica num país, este não conquista autonomia intelectual e a capacidade de perquirir e descobrir as soluções verdadeiramente nacionais dos seus problemas, se, acima dos corpos técnicos especializados, não trabalha um corpo de investigadores e especuladores consagrados exclusivamente às altas questões teóricas, aparentemente não relacionadas com qualquer problema concreto particular. Todos os países que atingiram a um alto nível de capacidade técnica e espírito inventivo, contaram com essas elites de pesquisadores, trabalhando pelo puro amor da ciência e efetuando as descobertas e as aquisições que depois os técnicos convertem em instrumentos de trabalho prático e métodos de rotina. A Faculdade Nacional de Filosofia tem conseguido, nos últimos anos, dar inegável desenvolvimento à sua secção de ciências, embora ainda não contemos com o equipamento material indispensável para a realização de grandes trabalhos de pesquisa e a ministração de certos ramos muito especializados no ensino. Devemos, com particular satisfação, saudar o florescimento dos estu-





*O Prof. Francis Ruellan (o que está de frente) conversando com o Prof. San Tiago Dantas, Diretor da Faculdade Nacional de Filosofia*

dos matemáticos e físicos no nosso meio, e também, no curso de química, a compreensão da necessidade de um ramo de estudos que não se confunda com os propósitos mais estreitamente técnicos da Escola Nacional de Química e dos cursos de engenheiros industriais.

Os cursos de letras têm representado igualmente um campo de elaboração dos mais promissores resultados. Novos métodos de estudo e realizações práticas, entre as quais devo mencionar o teatro acadêmico, organizado com o propósito de totalizar a compreensão dos textos antigos e dentro em pouco dos modernos, têm permitido que se assinalasse uma verdadeira renovação nos estudos literários, cujos benefícios serão incontáveis quando as atuais gerações de estudantes estiverem trabalhando em toda a força de sua maturidade.

Devo também assinalar com especial satisfação a renovação dos estudos de geografia, que esperamos ver separados em curso autônomo dos cursos de história, dotados de índole diferente. A geografia se define mais como uma ciência da natureza, estudada no terreno e no laboratório, e capacitando o estudante não apenas para o ensino secundá-

rio mas sobretudo para a realização de trabalhos de campo, que serão fundamentais no melhor conhecimento do nosso país, no domínio das suas condições climáticas e no aproveitamento de suas riquezas. O curso de geografia tem realizado excursões científicas de grande envergadura, entre as quais devo destacar as duas grandes excursões ao Vale do Rio Doce e ao Vale do Rio Iguaçu, e em freqüentes excursões de pequena duração, tem sido modificada e preparada a mentalidade dos estudantes para o gênero de trabalhos que devem empreender e estimular.

A seção de história será, segundo espero, equipada dentro em pouco com um museu de documentação em microfilmes. A Faculdade se tornará, então, um centro de pesquisas, que abrirá aos estudantes possibilidades inesgotáveis, dispensando-os da necessidade de viajar para os grandes centros estrangeiros e permitindo-lhes consultar aqui a documentação inédita existente em outros países. Na formação do seu espírito e dos seus métodos de trabalho tem a Faculdade contado com a colaboração inestimável dos professores estrangeiros contratados desde a sua fundação. Esses representantes da cultura européia e americana, no que ela



tem de mais elevado e útil, têm concorrido grandemente para a fixação dos nossos padrões de ensino e para a larga compreensão das culturas estrangeiras pelos nossos estudantes”.

### NO DEPARTAMENTO DE FÍSICA

No 6.º andar falamos com o Professor J. Costa Ribeiro, catedrático de Física Geral e Experimental, no momento entregue às atividades de um dos laboratórios do Departamento de Física.

Sentimos logo que ali iríamos colher notas interessantes para esta reportagem.

— Este laboratório surpreendeu-nos, pois não julgávamos ver que aqui se fazem pesquisas originais, como estou observando...

— Realmente, as pesquisas absorvem grande parte de nossas atividades. E' muito espalhado entre nós o preconceito de que a pesquisa científica é um privilégio dos países ricos, dotados de grandes recursos técnicos e industriais. Sobretudo no que se refere à pesquisa experimental, a opinião corrente é de que a mesma só é possível em grandes laboratórios, dotados de custosíssima aparelhagem material e de que países novos, como o Brasil, não se devem dar ao luxo de pretender realizar investigações científicas desinteressadas, quando há outros problemas, considerados de maior urgência, que ainda não foram resolvidos de forma conveniente. Essa espécie de complexo de inferioridade tem exercido e continua a exercer a mais funesta influência sobre o nível da nossa cultura e sobre o próprio progresso material do país, e suas consequências são tanto mais graves quanto não afetam apenas o instante presente, mas repercutirão com prejuízos profundos e irreparáveis sobre o padrão intelectual e sobre as tradições culturais das gerações futuras, no Brasil. Entretanto, se há valores imperecíveis, dentro da precariedade das relações humanas, são certamente aqueles valores do espírito a que se referiu o filósofo grego que, tendo perdido tudo em um naufrágio, fôra, no entanto, bem acolhido e bem tratado em terras estranhas e até indenizado de tudo quanto perdera, graças ao prestígio universal de suas doutrinas científicas e filosóficas. Esse homem escreveu então a seus amigos exortando-os a que adquirissem essa espécie de bens que nem com um naufrágio se perdem. São, na verdade, os valores intelectuais, científicos e artísticos, representados pelos grandes

vultos do pensamento filosófico, pelos investigadores, pelos descobridores e pelos artistas que, juntamente com os valores morais encarnados pelos heróis e pelos santos, formam o único patrimônio realmente indestrutível dos povos e das nações, resistindo, através dos séculos, a todas as contingências materiais e a todos os revezes políticos, militares ou econômicos que eventualmente possam interferir na marcha dos seus destinos históricos.

— Mas as pesquisas aqui realizadas têm possibilidades de imediata aplicação no campo da prática?

— Evidentemente não é só dêsse ponto de vista ideal e superior que o estímulo à pesquisa científica deve ser considerado como uma preocupação fundamental do programa da vida das nações jovens; é também de um ponto de vista mais prático e utilitário, relacionado com o próprio progresso material dessas nações. Com efeito, o desenvolvimento da técnica e o progresso industrial e material que dêle resultam constituem meros subprodutos da atividade científica desinteressada; é esta, porém, a única capaz de abrir novos caminhos e de desvendar novos horizontes, pela descoberta de fatos novos, e das leis que os regem, fornecendo assim as bases sobre as quais se fundam todas as suas aplicações práticas, multiplicadas na extraordinária e variada complexidade dos aparelhos, das máquinas, dos instrumentos, dos métodos, dos materiais, das substâncias e dos agentes físicos, químicos, biológicos e terapêuticos, que se tornam cada dia mais imprescindíveis à vida na civilização contemporânea.

— Mas a realização de pesquisas originais não exige sempre a mobilização de consideráveis recursos e o aparelhamento de grandes e custosos laboratórios?

— A história mostra-nos que no desenvolvimento das ciências o fator humano desempenha, em geral, um papel muito mais importante do que os recursos materiais disponíveis. No domínio das ciências físicas, por exemplo, as grandes descobertas, aquelas que abriram realmente novas estradas e imprimiram novos rumos à ciência, foram feitas, quase sempre, em laboratórios relativamente modestos e desprovidos de grandes recursos materiais e nesse sentido a descoberta da radioatividade constitui um dos exemplos mais frisantes. Em todos os casos, porém, tais descobertas foram sempre realizadas por pessoas inteiramente dedicadas à pes-



quisa desinteressada, pessoas certamente dotadas de qualidades e aptidões especiais, adquiridas no 'trato quotidiano' com a investigação da natureza, vivendo num ambiente de elevada tradição cultural e em condições que lhes permitiam consagrar a totalidade de seu tempo e de sua vida aos estudos de suas preferências pessoais.

Daí concluímos que o que importa sobretudo é a criação e a manutenção de *centros de pesquisa*, dotados por certo dos recursos materiais indispensáveis à realização de trabalhos teóricos e experimentais, mas nos quais a condição mais indispensável é permitir que um grupo de pessoas, possuindo a rara e preciosa vocação científica, possam consagrar-se inteiramente à investigação, sem que precisem desviar suas preocupações e seus esforços para o exercício de outras atividades que lhes assegurem os meios necessários à própria subsistência e à de suas famílias.

Em todos os países civilizados tais centros existem e são cuidadosamente mantidos e preservados, nas universidades, nas escolas superiores, nos institutos de tecnologia, ou em outras instituições e

fundações especialmente organizadas para a sua manutenção.

Além de laboratórios bem aparelhados e de uma suficiente liberdade imprescindível à aplicação de recursos financeiros à pesquisa científica, tais centros asseguram aos que nêles trabalham uma remuneração compatível com o regime de tempo integral, permitindo-lhes assim a máxima eficiência e fecundidade no trabalho científico a que se consagram por completo.

A Faculdade Nacional de Filosofia, da Universidade do Brasil, possui entre as suas finalidades, explicitamente consignadas na lei, a pesquisa científica desinteressada. Compreende-se assim que nela se devam criar e conservar tais centros de pesquisa, dotando-os das condições indispensáveis à sua eficiente subsistência.

Durante os cinco anos em que temos exercido o magistério nessa Faculdade, tivemos a oportunidade de encontrar, entre os seus alunos, não poucos possuidores daquela rara e preciosa vocação que constitui a matéria prima de que são feitos os investigadores científicos.



O Ministro da Educação, Dr. Gustavo Capanema, e o Diretor da Faculdade, Prof. San Tiago Dantas, assistindo a uma experiência demonstrativa da desintegração atômica de uma substância radioativa, no Laboratório de Física Experimental, feita pelo Prof. Costa Ribeiro



Alguns dêles, de tal maneira dominados por essa inclinação, conformam-se em aceitar o cargo de assistente, hoje ainda tão mal remunerado e tão desprovido de expectativas de melhor remuneração, a fim de terem uma oportunidade para a realização de seus sonhos de pesquisa original.

Graças a êsse espírito de desprendimento pelas coisas materiais da vida, tem sido possível, ao Departamento de Física desta Faculdade, reunir um pequeno grupo de elementos que constitui, assim o esperamos, uma semente fecunda da qual poderá sair talvez um dia, com o auxílio dos poderes públicos e, quem sabe, também de particulares dotados de esclarecido patriotismo, um verdadeiro centro de pesquisas científicas.

— Poderia o senhor dar-nos um resumo dos trabalhos já realizados, ou atualmente em curso, no seu laboratório?

— Em 1940 iniciamos uma investigação sobre a radioatividade de minerais brasileiros, utilizando espécimens de uma coleção que há muitos anos vínhamos reunindo e que contém hoje grande número de amostras provenientes de variadas ocorrências no Brasil e no estrangeiro.

Para isso idealizamos um método de medida baseado num circuito de ponte eletrométrica, que foi constituído no laboratório com bons resultados. Nas medidas preliminares realizadas por comparação com o óxido de urânio, um dos minerais revelou possuir uma radioatividade cerca de dez vezes maior que qualquer um dos outros até então examinados. Tratava-se de uma ocorrência verificada em Engenho Central (Município de Rio Branco, Estado de Minas Gerais) e a amostra utilizada fôra-nos oferecida pelo Dr. Caio Pandiá Guimarães, do Departamento de Produção Mineral daquele Estado, que já a havia identificado como uma "uraninita".

Características análogas encontramos ainda em amostras de outra procedência, provenientes do município de Conceição (Distrito de Brejaúbas) no mesmo Estado, e que nos foram cedidas pelo doutor Viktor Leinz e pela firma Porto Barradas & Cia.

Procedemos, então, a um estudo minucioso dessas amostras, realizando a pesquisa pelo método de emanção e verificamos que a radioatividade em aprêço era proveniente realmente do Radium e não do Thorium, como acontece, por exemplo,

com a monazita e a samarskita, já anteriormente encontradas no Brasil.

Dessas dosagens resultou, como média de várias medidas do teor em Radium do mineral, o valor de 253 miligramas de Radium por tonelada.

E' êste, pois, o mineral de mais alto teor em Radium dentre os de ocorrência conhecida no Brasil e a sua concentração em Radium é mesmo mais elevada que a da Pechblenda, mineral onde foi descoberto o Radium por Madame Curie, e que contém, em média, 210 miligramas de Radium por tonelada.

— E é possível realizar-se a extração do Radium desse mineral?

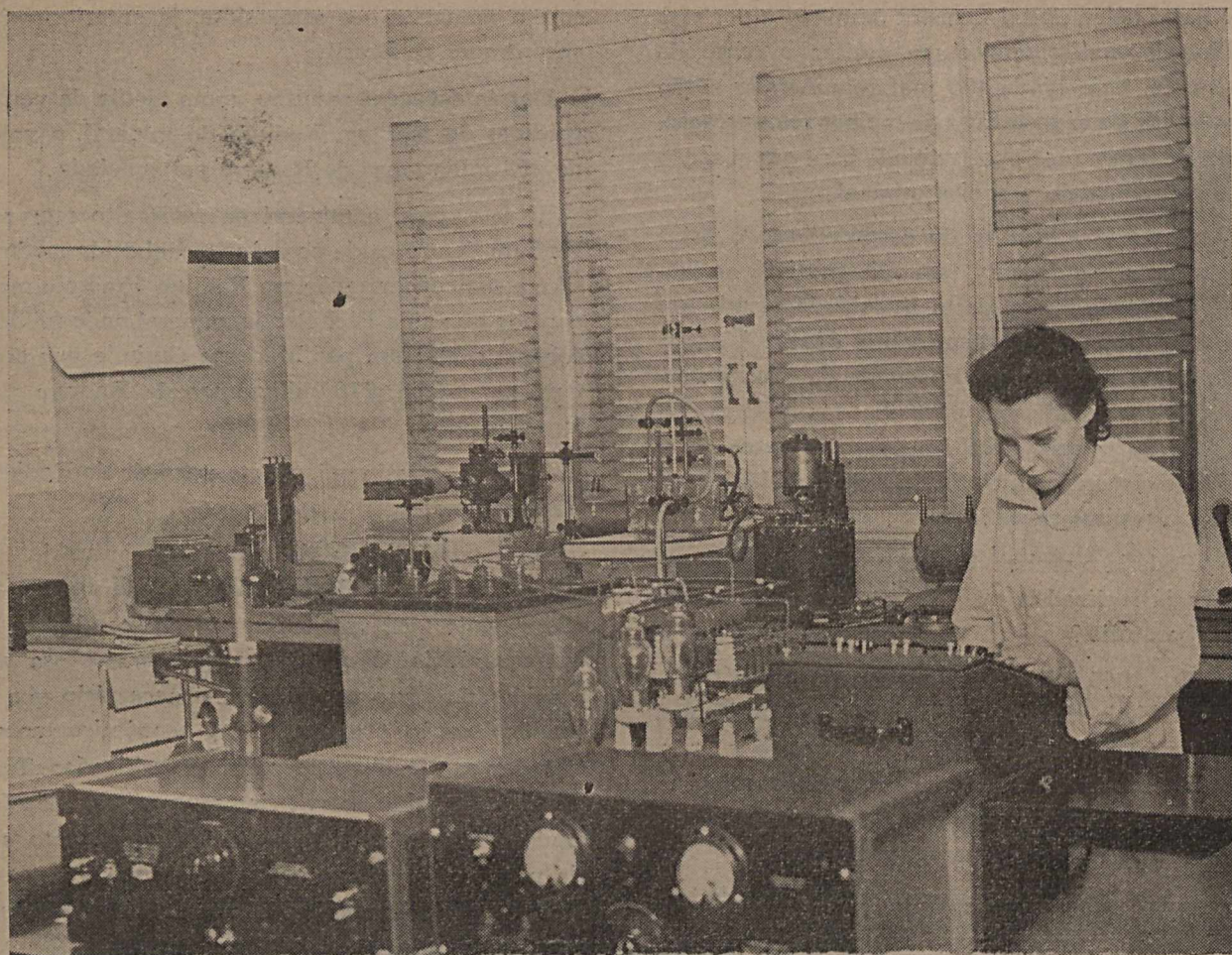
— A possibilidade da exploração industrial de uma espécie mineralógica não depende apenas do seu elevado teor, mas sobretudo das condições de sua ocorrência. Para que um *mineral* possa ser considerado como um *minério* é necessário que a sua exploração possa ser feita economicamente. Ora, por enquanto, as ocorrências verificadas desse mineral, têm sido ocorrências esporádicas; não foi ainda encontrada nenhuma jazida, e, portanto, seria prematura qualquer afirmação quanto à possibilidade ou à impossibilidade da obtenção industrial do Radium por meio desse mineral.

Mas a identificação e a dosagem do Radium, mesmo nessas amostras isoladas, apresentam grande interesse científico e mineralógico. Assim os Drs. Willes Florêncio e Celso de Castro, do Departamento de Produção Mineral do Estado de Minas Gerais, realizaram em 1943 uma análise química muito completa dessa uraninita, dosando o Uranium por via analítica gravimétrica e o Radium por via eletrométrica. Os resultados dessas medidas confirmaram plenamente os que havíamos obtido e permitiram-lhe ainda calcular a *idade* do mineral, pela comparação dos teores em urânio e chumbo, tendo encontrado cerca de 500 milhões de anos.

Atualmente pretendemos empreender o estudo sistemático das demais ocorrências de minerais radioativos no Brasil, achando-se tais pesquisas a cargo da nossa assistente, D. Elisa E. M. Frota Pessoa.

Em 1942, trabalhando em colaboração com o Professor Luigi Sobrero, da Universidade de Roma, que naquela época se achava entre nós, idealiza-





*Aspecto do Laboratório de Física Experimental sob a direção do Prof. Costa Ribeiro, mostrando a aparelhagem com que estão sendo atualmente realizadas pesquisas originais relativas aos dielétricos*

mos e construímos em nosso laboratório um aparelho de polarização auto-colimador, destinado a estudos de foto-elasticidade, e de birefringência natural ou accidental. Tal aparelho permite ainda a verificação da existência das perigosas tensões moleculares residuais, na fabricação das peças de vidro, bem como a pesquisa das geminações e outros defeitos de cristalização do quartzo, que não podem ser evidenciados nos ensaios com luz natural.

A aplicação do mesmo princípio à construção de polarímetros e sacarímetros, foi feita pelo nosso assistente Sr. Jayme Tiomno que atualmente está realizando pesquisas especiais sobre a fluorescência das soluções.

Em 1943 o Sr. Jayme Tiomno idealizou também um aparelho para determinação mecânica das componentes harmônicas da série de Fourier, o qual, no entanto, não pôde ainda ser executado,

porque exige o concurso de uma oficina mecânica de alta precisão.

— E quais são as pesquisas a que o senhor se está dedicando presentemente?

— Desde 1943 temos concentrado nossa atividade no estudo de certos aspectos, ainda mal conhecidos, do comportamento dos dielétricos reais, por sugestão do nosso amigo Dr. Bernardo Gross, do Instituto Nacional de Tecnologia, que há vários anos se vem dedicando ao estudo das anomalias dos dielétricos e que presentemente está realizando pesquisas de grande interesse sobre os “eletretos”, isto é, dielétricos que em consequência de tratamentos especiais adquirem movimentos elétricos permanentes.

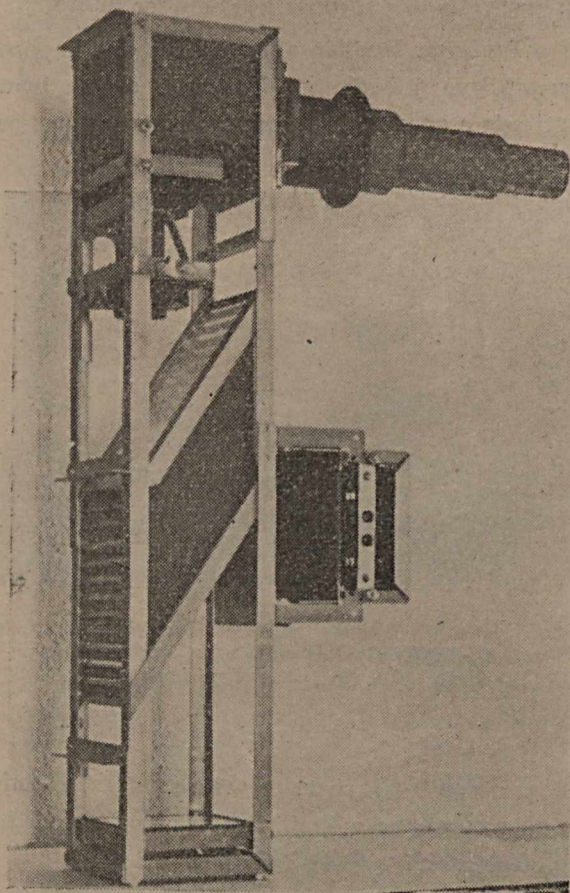
Obedecendo àquela sugestão pretendíamos estudar a influência eventual da presença de impurezas radioativas sobre o comportamento dos dielé-



tricos sólidos e em particular da cêra de carnaúba, mas, no decurso das primeiras experiências, nossa atenção foi desviada para a observação de outros fenômenos que se manifestam nos dielétricos e cujo estudo constitui presentemente o principal objeto de nossas investigações.

### CONVERSANDO COM O PROFESSOR FRANCIS RUELLAN

Na sala do Conselho Técnico Administrativo pudemos conversar com o Professor Francis Ruellan,



*Aparêlho de polarização autocolimador de autoria dos Profs. J. Costa Ribeiro e L. Lobrero, idealizado e construído no Laboratório de Física Experimental*

regente da cadeira de geografia, que tinha a seu lado a aluna, Senhorita Fanny Rachel Koiffman.

Já inteirado de nosso desejo de ouvi-lo sobre as suas excursões com alunos da Faculdade ao interior do país, trouxe o Professor Ruellan interessante *dossier* de trabalhos executados em campo, sob sua orientação.

O Professor Ruellan deu-nos logo impressão de que iria falar com agrado sobre o assunto, deixando-nos, portanto, à vontade para longa entrevista...

Muito simpático e jovial, é a cordialidade em pessoa. Uma saudável cordialidade, simples, comunicativa, irradiante!

Quando lhe escapava a expressão adequada, em português, para traduzir o que sentia, a Senhorita Koiffman intervinha com o melhor dos sorrisos, esclarecendo prontamente o que o mestre nos desejava declarar.

Disse-nos o Professor Ruellan que desde 1941 vem realizando excursões com alunos da Faculdade, as quais se estendem do Distrito Federal até ao Brasil Central. Assim é que já esteve em várias zonas do Estado do Rio, Espírito Santo, Minas, São Paulo, Goiaz, Paraná e Santa Catarina.

Sob o ponto de vista pedagógico, essas excursões têm duas finalidades diferentes. Umas, destinam-se aos alunos principiantes do estudo de Geografia na Faculdade e são as mais curtas, durando de dois a três dias. Geralmente as turmas são numerosas, alcançando até 50 alunos — moços e moças. Muito simples, essas excursões não exigem equipamento especializado. Nelas se explica uma parte da geografia geral, tendo como exemplo os arredores do Rio de Janeiro.

E, nesta altura, o Professor Ruellan esclarece-nos melhor:

— O próprio Distrito Federal oferece um conjunto perfeito, como verdadeiro laboratório de geografia. Assim, pois, explica-se ao aluno a evolução do relevo e também a evolução do povoamento e da exploração econômica. Tenho estendido essas excursões a Niterói, Itaboraí, Cabo Frio, Macaé, Campos, etc.

— E o segundo tipo de excursão?

— E' a de investigação minuciosa. Destina-se mais aos alunos do curso de doutorado da Faculdade e é realizada em colaboração com o Conselho Nacional de Geografia. As excursões desse tipo são bem mais complexas, pois envolvem iniciação à pesquisa científica geográfica, devendo os alunos levar adequado equipamento, inclusive tudo quanto se refere a material de estudo. Como essas excursões são realizadas com a participação do Conselho Nacional de Geografia, as despesas que elas acarretam são divididas conforme o número



de participantes de cada instituição. Escolhe-se uma região do país, a qual é estudada sob o ponto de vista da geografia regional. A primeira foi feita no município de Goiânia e as seguintes na região de Itatiaia, em Rezende, em Guaratinguetá, Cunha, Angra dos Reis, Vale do Rio Doce, São Paulo, Curitiba, Foz do Iguaçu, Paranaguá, Blumenau, Florianópolis, Monte Alegre, no norte do Paraná, Londrina e Apucarana. Esta durou trinta dias.

— E como o senhor distribui os trabalhos?

— Cada aluno tem de realizar trabalho próprio de pesquisa. Para melhores resultados, formo sempre três equipes de alunos. A primeira, de geomorfologia, isto é, estudo do relevo, com três subdivisões. Uma de geomorfologia propriamente dita; outra, de geologia e a terceira, de topografia. A segunda equipe trata da climatologia, com uma subdivisão de climatologia propriamente dita; uma de hidrografia e outra, finalmente, de biogeografia. A terceira equipe cuida da geografia humana com duas subdivisões: uma do estudo de gênero de vida e povoamento, e outra, de estudos econômicos.

Depois dessas informações gerais, o Professor Ruellan nos mostrou o seu *dossier*, contendo os relatórios de uma dessas excursões, condensando os trabalhos das três equipes, realizados com o concurso de duas secretárias, de um encarregado das questões científicas e outro da organização administrativa da excursão.

Terminada a excursão, as secretárias fazem um relatório de cada equipe e depois, então, o geral, que é apresentado para ser discutido nas tertúlias do Conselho Nacional de Geografia, cujo *Boletim* regularmente publica as atas das reuniões.

O relatório definitivo, contando com todas essas contribuições, já está sendo preparado para ser publicado.

Abrindo uma pasta de cartolina, dela o Professor Ruellan retirou vários relatórios datilografados, apreciando-os ligeiramente, nos pontos que julgou adequados talvez à publicação nesta reportagem. Ponderamos-lhe que melhor seria se publicássemos um deles na íntegra.

— Pois, então, este aqui da excursão ao Pico do Cauê parece-me conveniente à divulgação em seu trabalho.

— Muito obrigado. Mas podemos continuar a conversar um pouco mais...

— Esse relatório refere-se à interessante região de Presidente Vargas, antiga Itabira, em Minas,

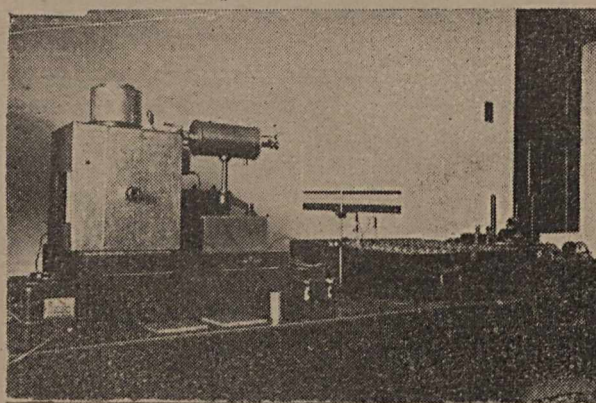
onde visitamos o Pico Cauê. Gostaria que o senhor ressaltasse em sua reportagem que esses nossos relatórios refletem observações objetivas em terreno, pois faço questão de que meus alunos realizem pesquisas originais, sem valer-se do concurso de qualquer bibliografia.

— Há grande interesse dos alunos por essas excursões ou eles vão apenas passear?

(A pergunta, convenhamos, não poderia ser mais inconveniente...)

E antes que o Professor Ruellan respondesse, a Senhorita Koiffman o fez com muita vivacidade, quase mesmo em forma de protesto. E escusado será dizer que isso só pôde nos agradar muito.

E o Professor Ruellan aproveitou o ensejo para dizer-nos que a Senhorita Koiffman estava bem autorizada a apreciar a conduta dos alunos, pois os



Aparelho para medidas de radioatividade, de autoria do Prof. Costa Ribeiro, idealizado e construído no Laboratório de Física Experimental

observou muito de perto, como secretária científica da excursão ao vale do Rio Doce. Prosseguindo, acrescentou:

— A chefia de cada equipe é atribuída sempre a pessoa da maior experiência e muitas vezes recai num próprio aluno do curso de doutorado da Faculdade. Também é dada a professores estranhos ao quadro da Faculdade e que, quando podem, participam de nossas excursões. O Professor José Veríssimo da Costa Pereira, do Colégio Pedro II, tem chefiado muitas vezes equipes de geografia humana. Também o Professor Carlos Junqueira Schmidt, do Serviço Meteorológico Nacional, que dirige a parte de climatologia.



O Professor Ruellan citou ainda os Professores Fábio de Macedo Soares Guimarães, Orlando Valverde e outros. Cada equipe tem a responsabilidade de seu material e de suas observações, mas presta a seus vizinhos toda a colaboração de que, porventura, precisem para os ajudar nas interpretações. O chefe da equipe distribui o trabalho entre seus assistentes mais adiantados dentro do quadro do itinerário geral. Todas as noites, se possível e, mais tardar, na volta da excursão, cada equipe fornece seu relatório diário, no qual anota suas observações precisas e suas interpretações.

Perguntamos ao Professor Ruellan como consegue perfeito entendimento entre os numerosos participantes de uma excursão, e sua resposta foi precisa :

— De forma muito simples : com disciplina, que consigo voluntariamente dos participantes no interesse comum. Rapazes e moças são iguais nas suas atribuições. As alunas devem ter coragem para carregar seus próprios sacos e os instrumen-

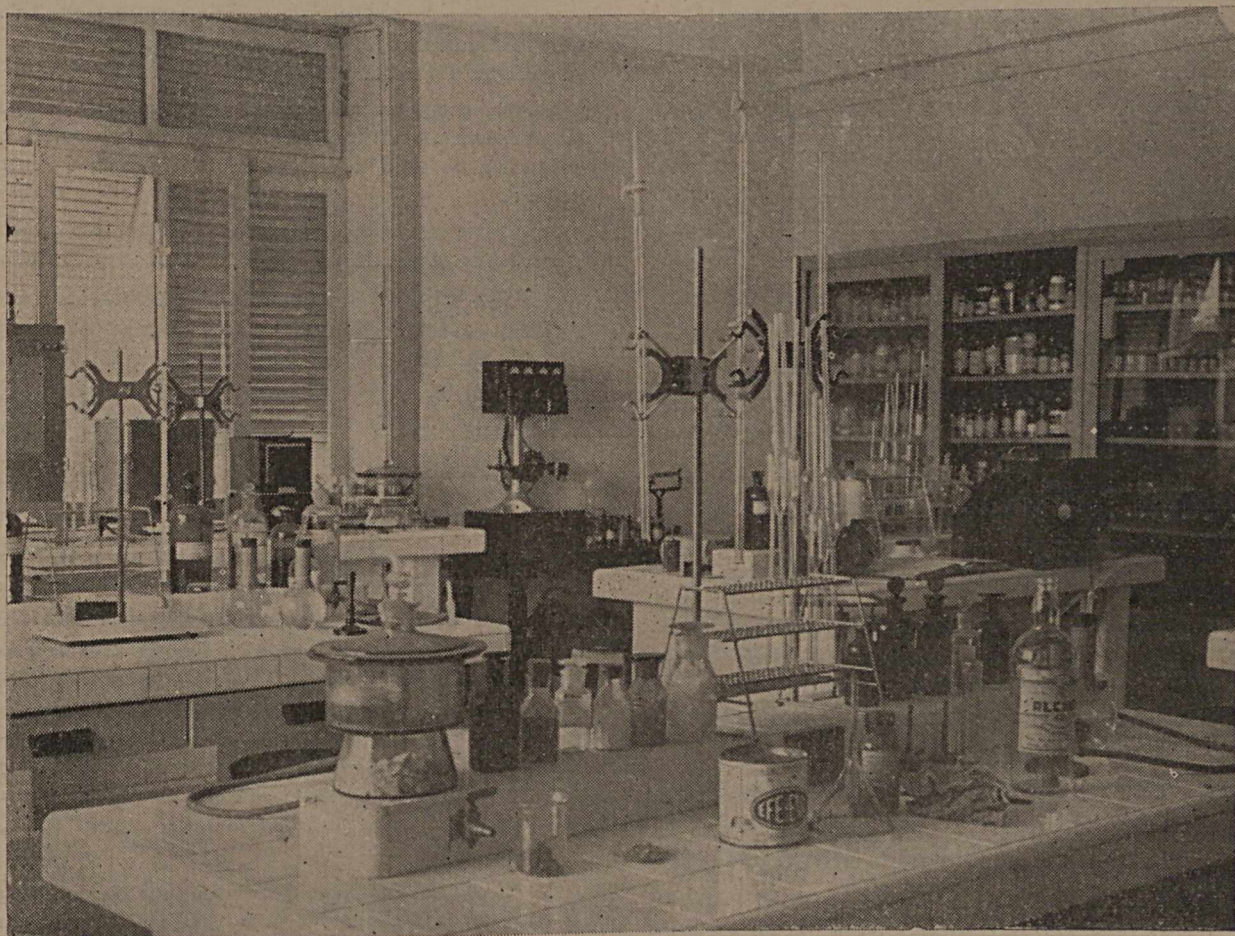
tos pelos quais são responsáveis e só aceitam auxílio quando muito cansadas. Na refeição ao ar livre não deve haver nem servidores, nem convidados, mas cada um deve ajudar de acordo com a missão que lhe fôr determinada pelo chefe e pelo cozinheiro.

Depois o Professor Ruellan passou a focalizar os resultados práticos das excursões ao campo, dizendo-nos :

— No campo, ao ar livre, é que reside a verdadeira tarefa do geógrafo. Quando ele volta ao gabinete de trabalho é para tirar partido da viagem de estudos que realizou e formular problemas que ele estudará na próxima excursão.

E, rindo com certa malícia, acrescentou :

— Só existe geografia de gabinete para o compilador. O trabalho de gabinete serve apenas de complemento da investigação no campo, que é a fonte viva de toda a observação e interpretação



*Um aspecto do Laboratório de Química Analítica. Aparelhagem destinada a análises volumétricas*



nova. Aliás, os grandes mestres, no passado e presentemente, não seguem outro método — único na verdade que pôde libertar a produção geográfica do trabalho livresco e do vão palavreiro, sem base científica e sem nenhuma relação com a vida na terra.

Declarou-nos o Professor Ruellan que tem, pois, sempre em mira formar geógrafos de campo, a exemplo — acentuou bem — do que já se faz com tanto sucesso entre nós na geologia, como se observa na Escola de Ouro Preto, onde se têm formado grandes mestres.

Sentíamos que não havia mais como arranjar tempo a tomar ao Professor Ruellan e à sua gentil secretária, mas assim mesmo voltamos a indagar de outras excursões, além das mencionadas. Referimos ao nosso jovialíssimo entrevistado as observações que fizemos, dias antes, em Caxambu, onde a pobreza nos arredores da cidade nos impressionou profundamente.

— Ah! sim, Caxambu; por lá estivemos também em estudos. Saímos de Juiz de Fora com destino a Campos do Jordão, passando por Lima Duarte, Rio Preto, Caxambu, São Lourenço, Itajubá, Paraisópolis e Campos do Jordão. Fomos também a Volta Redonda. Em agosto de 1943 estivemos no Vale do Rio Doce e aqui a Senhorita Fanny Koiffman também participou da excursão, como secretária. Devo dizer-lhe que é ela licenciada em geografia e história e está tirando o curso de doutorado de geografia. Assim também a Senhorita Lysia Maria Cavalcanti, que foi secretária científica à excursão do Paraná em 1944 e está elaborando os respectivos relatórios. Agrada-me referir-me também à Senhorita Maria Therezinha de Segadas Viana, secretária da excursão a Minas Gerais, em outubro de 1944. Ela é filha do Coronel Segadas Viana, atualmente nas operações na Itália, como comandante de um regimento da F.E.B.

E, muito satisfeito, acrescentou o Professor Ruellan que, quando é possível, leva também a esposa às excursões, ficando ela incumbida dos serviços gerais, que compreendem a alimentação, higiene, socorros e transporte dos excursionistas.

Estava terminada nossa agradável palestra com o eminente Professor da Faculdade Nacional de Filosofia e que, reproduzida nesta reportagem, muito a valorizou, como hão de sentir os nossos leitores através das informações interessantes que nela colhemos e também pelo que se lê neste

#### RELATÓRIO DA EXCURSÃO AO PICO DO CAUÊ

"No primeiro dia de estadia em Itabira, domingo, 22 de agosto de 1943, foi nosso objetivo atingir o soberbo pico do Cauê, cujo fulgor nos dias ensolarados indica o nome da própria cidade que domina — Itabira, "pedra que brilha".

Novamente, foi o caminhão nosso meio de transporte; seguimos pelas pitorescas ruas de Itabira, tortuosas, estreitas e íngremes, conforme a topografia da região; a riqueza da região aparece nessas próprias ruas, calçadas de ferro, que mal separam as antigas casas coloniais, com telhados de quatro inclinações e ligeiramente levantados nos ângulos e sacadas de grades caprichosamente recortadas. Muitas dessas casas são de madeira sólida e construídas sobre alicerces de pedras, algumas assobradadas e solenes, com pátios internos, lembrando a influência moura. Nossa impressão foi de que mergulháramos no passado, principalmente levando em conta que Monlevade estava tão próxima.

A pequena cidade conserva em tudo os aspectos da era passada de mineração, lembrando as antigas cidades de Minas, como Sabará e Ouro Preto, que tiveram sua prosperidade ligada ao ouro.

Parece ter surgido em 1720, quando Francisco Faria Ilbernaz e seus irmãos se instalaram ao norte de Itabira, nas minas de Itambé. Tomando o Cauê como bússola, atravessaram umas dez léguas de floresta virgem costeando a serra, até atingirem, finalmente, a base do pico através da garganta do Piçarrão.

Foi-lhes compensada a aventura, pois encontraram grande abundância do fulvo metal numa das nascentes que emanavam da serra, o córrego da Prata, como o denominaram.

Aí ergueram uma capela a N. S. do Rasário e estabeleceram em torno um núcleo, a que deram o nome de Itabira.

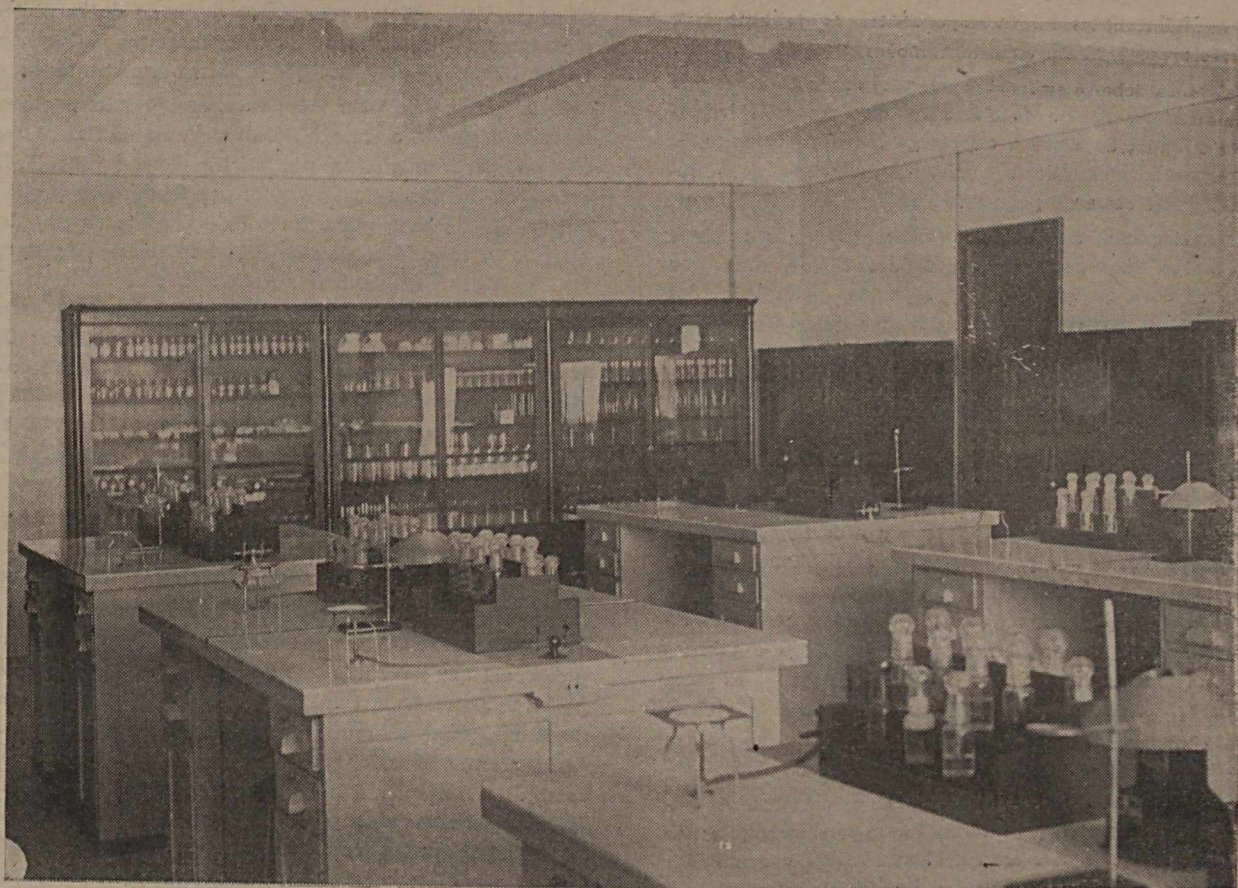
A origem foi, pois, a mesma da antiga S. José da Lagoa: em torno do santo padroeiro, o pequeno núcleo com alguma base agrícola visando incessantemente o ouro.

Durante o século XVIII, esta fonte de riqueza perdeu-se; Saint Hilaire anotou que seu desenvolvimento voltou-se primeiramente para leste e para a parte inferior do bloco de Itabira, separado dos outros maciços por vales profundos, como dos ribeirões da Penha e do Piçarrão.

A atividade agrícola progrediu, estando sua prosperidade evidentemente ligada à exploração mineira. Esta, como grande fator de povoamento, fez com que em pouco tempo brotassem no meio da floresta inúmeras fazendas que, através da prática de derrubada, iniciaram as culturas nesta região; ainda hoje restam os nomes de Girau, Rocinha, Chácara da Olaria, Recanto, Pontal, Periquito, Onça, Mamembe cujas produções alimentícias foram estimuladas por este primeiro surto industrial, em que se assinala a manufatura de espingardas, cujo modelo foi seguido em toda a região.

A decadência das minas acarretou também o declínio dessas fazendas, do mesmo modo que o reinício da atual exploração mineira, produziu o ressurgimento da agricultura.





*Outro aspecto do Laboratório de Química Analítica, sob a direção do Prof. Djalma Hasselmann, onde se emprega sistematicamente a moderna técnica de análise "semi-micro"*

Apesar de não possuir tradições agro-pastoris, à crise do ouro seguiu-se um surto agrícola, com o café, de que Itabira chegou a ser grande produtora, exportando até para São Paulo, através do vale de Sta. Bárbara, sem suspeitar que alimentava um rival. De fato, foi de curta duração este ciclo econômico, devido principalmente às melhores qualidades do solo paulista e também às dificuldades de transportes — os carregamentos eram feitos em lombo de burro e a distância do litoral era dificultada por grandes obstáculos naturais.

Todavia, subsistem alguns remanescentes nos arredores da velha Itabira do Mato Dentro, onde se encontram as encostas das montanhas cobertas de cafezais, muitos dos quais inteiramente abandonados e confundindo-se com uma floresta secundária em substituição à primitiva que, geralmente, é conservada no topo para evitar os efeitos destruidores da erosão.

A ausência da locomotiva fez com que Itabira se conservasse em grande isolamento, mantendo-se orgulhosa de suas tradições, sem contato com as grandes transformações do mundo moderno.

O declínio de Itabira, que pairou sobre a cidade até pouco tempo, está marcado em casas abandonadas ou em ruínas, de que batemos algumas chapas.

Outras, entretanto, ainda ostentam o esplendor de outrora, como a Igreja de N. S. do Rosário, no Largo da Matriz, situada numa elevação, o prédio do Colégio de N. S. das Dores, a antiga residência da família Andrade, hoje hotel da Companhia Vale do Rio Doce.

Apesar da prolongada fase de estacionamento, Itabira não descuidou inteiramente de certas necessidades essenciais à manutenção do nível de vida de seus habitantes; assim, a própria educação recebeu as devidas atenções, contando com vários estabelecimentos de ensino, como o Ginásio Sul-Americano e a escola normal de N. S. das Dores, que atrai jovens de outros Estados, além de alguns grupos escolares.

Uma pequena industrialização foi tentada; duas fábricas de tecidos — Gabiroba e Pedreira — ainda estão em funcionamento, bem como oficinas de fundição e uma fabricação de arreios, mais ou menos em declínio.

O caminho que parte de Itabira na direção do Cauê segue primeiramente uma rua de habitações pobres, principalmente depois de passado o colégio de Nossa Senhora das Dores; o pequeno planalto do Campestre é atingido por uma espécie de cornija, ao norte da cidade.

Enquanto Itabira se acha situada a 750-780 m de altitude, aproximadamente, o Campestre está a 854 m; trata-se de um patamar que se liga ao nível de peneplanície de



850 a 960 m, pois há correspondência de altitude com outras elevações, abrangendo também o aeroporto a 891 m.

Itabira acha-se situada sobre um pequeno platô dissecado pelos afluentes do rio do Peixe, de que são mais importantes o Canal da Sorra e o Córrego Sêco provenientes do Campestre e, sobretudo, o Córrego Água Santa, que atravessa a parte oeste da pequena cidade.

E' exatamente acima da confluência do Água Santa e do Córrego Sêco que está localizada a cidade, como que pousada sobre pequenas colinas separadas pelos vales dos afluentes dos dois rios. Resulta daí uma topografia acidentada que o calçamento de itabirito rolado torna ainda mais sensível; as ruas de comércio seguem as curvas de nível, comunicando as alas leste e oeste da cidade.

A topografia de Itabira traz a marca de retomada de erosão ou rejuvenescimento, cujos traços são muito sensíveis em todo o vale do rio do Peixe. Sua situação em cabeça de vale, perto do limite da bacia do Peixe e do rio Tanque, é acentuada pela proximidade do contato entre o substratum gnáissico atribuído ao arqueano e a camada estratificada algonquiana da série de Minas, conforme indicam as cartas; de acôrdo ainda com êste dado, o itabirito aflora nas montanhas situadas a NW da cidade — os picos do Cauê, Conceição, Esmeril, Periquito. A excursão dêste dia teve por objetivo o pico do Cauê, cujo vulto nacional e internacional constituiu o ponto máximo de atração.

O núcleo mais antigo do povoamento se encontra no fundo do vale e os terraços laterais foram sendo conquistados à medida que a cidade crescia. Desta maneira, a umidade penetrante do fundo do vale foi evitada, ao mesmo tempo que não ficou prejudicado o abastecimento de água.

Um dêstes terraços está justamente assinalado pela igreja de N. S. do Rosário; comprovam êles escavamento dos rios a partir de uma série de anfiteatros constituídos pelas nascentes de pequenos cursos d'água de modelado bem evoluído, ao pé de grande crista monoclinial que abrange o Cauê, Esmeril e Conceição.

Atingindo o Campestre, notamos grande transformação da paisagem física e cultural, que em todos os aspectos difere da velha Itabira do fundo do vale. A topografia é bem mais regular, tendo favorecido bastante os trabalhos de planificação, que ainda estavam em andamento na ocasião. O local é bastante propício para a instalação de uma indústria moderna, oferecendo espaço tanto para usinas como para habitações.

O contraste com a colonial Itabira já era verdadeiramente freqüente, desde então, quando as instalações eram ainda provisórias. Parte dêste platô já estava ocupado pelos escritórios e armazéns da Companhia Vale do Rio Doce e casas de operários encarregados da planificação e exploração do minério. Cada grupo de pequenas vilas é presidido por um patrão, que é empreiteiro de uma obra. São habitações geralmente pobres, algumas caiadas e com cobertura de sapê; seu caráter provisório as justificava no momento, pois existem projetos de inúmeras avenidas onde se instalarão futuramente.

Segundo informações do engenheiro que nos acompanhou, trabalhavam 400 operários.

O grande futuro que espera esta região talvez não esteja muito à toa para quem a observe apenas num simples

golpe de vista. Mas o movimento desusado de caminhões e presença de técnicos e operários estrangeiros no local trazem a febre do progresso que já anima êste rico torrão.

Dois rios passam pelo Campestre, assegurando o abastecimento d'água — o córrego Sêco e o Canal da Serra; caso ainda sejam insuficientes, não haverá grandes dificuldades em captar as águas do Córrego Água Santa, que banha a cidade. Já foram também traçadas e preparadas para instalações de águas e esgotos as ruas transversais, Inglaterra, Estados Unidos e Liberdade. A Comp. Vale do Rio Doce visa em primeiro lugar, pelo menos atualmente, a exportação do minério. Ao Campestre chegarão os trilhos que ligarão esta parte do sertão de Minas com o litoral, construídos por aquela entidade que também incorporou a Vitória-Minas e promove seu melhoramento. Também nas vizinhanças imediatas foi construído o aeroporto, que se liga ao Campestre pela rua do Brasil.

Atualmente, a produção mensal é de 12 mil toneladas e para o futuro estão projetadas 5 mil toneladas diárias, o que demonstra a vasta margem de desenvolvimento econômico que possui êste riquíssimo potencial.

No Campestre encontramos uma mina em péssimas condições, em que havia um afloramento de jacutinga, que é a hematita pulverizada com grande proporção de ferro associado um pouco ao ouro. Embora não seja explorada industrialmente, o ouro ainda fornece campo para alguma extração, lembrando a principal atividade de outrora; foi mesmo achada uma pepita de ouro de 500 gr. na mina A. Trata-se, porém, de um trabalho acessório.

Nessa zona já se observa, também, uma argila vermelha proveniente da oxidação do minério de ferro e ainda blocos de ganga. Êste revestimento continua pela estrada recentemente construída, que vai até a altitude de 1.200 m na base do Cauê, onde se faz propriamente a exploração do minério, cuja reserva está estimada em 40 milhões de toneladas.

No terraço preparado para a exploração, verificamos afloramentos de itabirito com estratificação de hematita compacta em camadas espessas, intercaladas com outras de quartzo mais ou menos granular. De acôrdo com análises dêste minério realizadas por Frôes de Abreu são insignificantes as impurezas, apenas existindo um pouco de sílica.

Êstes afloramentos de itabirito aparecem em várias formas nesta região; a própria hematita compacta originada em grande profundidade dá a especularita, mais densa, que às vezes se apresenta numa variedade micácea, cuja textura é de pequenas lâminas.

Destaca-se, também, a Chapinha, uma forma de itabirito que contém pouca sílica e cerca de 62 % de ferro; a riqueza do minério traduz-se igualmente em sua grande variedade, a que também correspondem muitos nomes locais, atingindo a cerca de 200. Dentre êsses cumpre ainda assinalar o conglomerado hematítico, a limonita ou hidróxido de ferro, a jacutinga, menos densa e porosa.

As direções tomadas mostraram grande variação, mas predomina em média, a de NW; o mesmo notamos com as inclinações.

Entre o sopé do pico do Cauê e o cume o desnivelamento é apenas de 170 m facilmente vencidos graças à encosta leste de declive suave dêste maciço de perfil dissi-



métrico. Apenas a ganga dificultou um pouco a marcha, pois determina um solo muito rugoso, de vegetação xerófila que lembra a vegetação da encosta também em declive suave do pico de Belo Horizonte. Êste tipo de vegetação constitui uma verdadeira savana de altitude, contando com plantas espinhosas e bromeliáceas, líquens, mirtáceas e uma planta característica da região, a canela de ema, que se desenvolve sobre a ganga e particularmente, como parece, sobre as encostas expostas aos ventos marinhos, conforme observações prévias no pico da Serra do Curral del Rei; as raízes servem de combustível e também para a confecção de pincéis de boa qualidade e de diversas dimensões, utilizados principalmente para a caiação das casas operárias. Todos os aspectos desta vegetação são bem visíveis nas fotografias 17-34 e 38 e 8-3.

A ganga de "brecchia", que reveste a encosta, parece de formação local argilo-limonitosa e apresenta os característicos elementos angulosos. A camada de ganga repousa sobre o minério de ferro. Na descida, passamos por um outro trecho em que o revestimento da encosta era de pequenas pedras, o cascabelho, resultantes da ação erosiva elementar através notadamente dos efeitos dos raios atraídos pelo ferro do minério; o material menos resistente é desagregado e escorrega graças ao declive, depositando-se depois em talude. Geralmente sua presença indica a existência de jazidas maciças.

Do alto do pico do Cauê, a 1.373 m de altitude, a paisagem que ante nós se espraiava era ampla e variada, fornecendo uma bela visão de conjunto de toda a região circunvizinha. De um lado tem-se a Serra do Espinhaço e de outro a peneplanície que se estende ao S e SW, e Itabira,

marcada pela confluência de vários rios, aparece no centro da região de contato entre o algonquiano e o arqueano.

Em suas linhas gerais, o relêvo se assemelha bastante ao que foi observado do alto do morro do Talho Aberto, consistindo a paisagem numa alternância de cristais monoclinais, correspondendo às camadas de rochas duras de algonquiano e de cristais sub-horizontais, testemunhas das antigas superfícies de erosão.

A região de Itabira pareceu-nos mais perturbada, entretanto, do que as até então estudadas.

O próprio pico do Cauê é um "hog back"; a direção geral das camadas é para NW, enquanto que sua inclinação varia de 54 a 60° para NW; estas foram as medidas médias, mas já num outro trecho apresentaram-se inteiramente diferentes. A inclinação da encosta suave da crista monoclinal é, aliás, somente de 50° aproximadamente; a superfície de erosão corta as camadas em bisel.

Esta disposição coloca o abrupto para SW, o que é uma orientação bem diferente do que foi observado na região de Monlevade e de Belo Horizonte, pois aí a direção geral das camadas era W-SW-ENE e a inclinação para SSE, enquanto que a encosta abrupta era para NNW. Grande parte da forma do Cauê é recente, constituindo uma saliência destacada do resto da superfície de erosão.

A SW o pico da Conceição desenha uma outra crista monoclinal, formada igualmente de camadas de itabirito, cuja direção geral é quase WE, com uma inclinação geral para o N, embora esteja assinalada para o S na carta desenhada por um engenheiro inglês de Itabira Iron. O interessante é que esta crista monoclinal tem o abrupto vol-



*O secretário da Faculdade Nacional de Filosofia, Dr. Heitor Corrêa, no seu gabinete de trabalho*



tado para WNW e perto do cume, a cerca de 1.280 m a inclinação das camadas é para ESE.

Quanto ao maciço do Esmeril, onde igualmente domina o itabirito, a mesma carta indica uma direção geral WSW-ENE e a inclinação desenha uma pequena sinclinal seguida de uma anticlinal que imprime a esta elevação o caráter de uma crista monoclinial.

No lombado de Periquito o cimo apresenta um perfil simétrico, mas a inclinação das camadas é quase NS e a inclinação dirigida para E.

Tôdas estas indicações demonstram suficientemente a complexidade da estrutura de toda esta região, razão por que se torna necessária grande cautela na sua interpretação. Vimos como as inclinações destas diversas cristas monoclinais divergem entre si, além de possuírem localmente inclinações diferentes.

Entretanto, conforme indica a carta já referida, êstes blocos isolados parecem pertencer a uma mesma crista. Na verdade, a direção geral dos afloramentos nada tem a ver com a direção das camadas.

Segundo o prof. Ruellan é provável que tenha havido um movimento geral de desdobramento que partiu de Belo Horizonte até o Cauê, mas é preciso não esquecer a importância de movimentos locais, representados por dobras de cobertura indiferentes à direção do anterior, isto é, reproduzindo-a ou não e representando apenas metamorfismo de epizona.

Desta forma não se poderá afirmar categoricamente que a série de Minas apresente grandes perturbações de maneira geral. Pelo menos nesta região de Itabira é difícil chegar-se a esta conclusão, pois o itabirito algônuico se apresenta esporadicamente. Efetivamente, apenas aparece em pequenos blocos isolados, tendo causado grandes embaraços à Itabira Iron na procura de porções intermediárias.

Supõe o prof. Ruellan que na região do Cauê e das cristas vizinhas tudo partiu de uma grande peneplanização; assim, um fato que chama a atenção é que picos isolados como o Cauê e Conceição se destacaram graças à erosão, parecendo corresponder ao nível que partiu de 1.400 m aproximadamente de altitude. Rochas mais resistentes ao trabalho da erosão foram pouco a pouco destacadas, desenhando o perfil característico dos "hog-backs"; compreende-se assim que a superfície de erosão não segue exatamente a direção das camadas e não raro aparecem camadas cortadas em bisel mergulhando em profundidade.

No próprio pico do Cauê restam vestígios dos testemunhos do aplainamento, que se encontram numa altitude de 1.040 a 1.070 m e também a 1.240-1.275 m no sopé, que provavelmente têm correspondência mais adiante, constituindo, portanto, níveis de erosão.

A SE do alinhamento dos "hog-backs" Conceição e Cauê a erosão atacou fortemente, produzindo um abrupto ao pé do qual se encontra Itabira e uma série de níveis "emboités" acompanhados por numerosos terraços. A E formas de relêvo suaves parecem confirmar que se trata do arqueano, enquanto que a W, na direção de Aliança, testemunhos de uma antiga superfície de erosão, à cerca de 1.050 m, foram mais respeitadas.

E' necessário frisar que o alinhamento geral dos afloramentos é NE-SW e, conseqüentemente, paralelos ao alinhamento dos afloramentos da região de Monlevade e de Beio Horizonte. Exatamente a SSW percebe-se uma crista monoclinial que provavelmente subsistiu ao ataque erosivo graças à natureza das rochas algonquianas, destacando-se na superfície de peneplano de 850-900 m a que corresponde também o Campestre.

Tais foram os níveis de erosão que conseguimos notar do nosso elevado observatório: pelo que ficou descrito em relação aos níveis de peneplanização de E, correspondendo ao arqueano e de W, atribuído ao algonquiano, calculamos que o tão procurado "contato" era o S, embora, na realidade, as formas de relêvo não fôssem tão significativas, pois a transição entre as duas séries é bastante suave, fazendo crer que foram aí nivelados por uma mesma superfície de erosão.

Ainda seguindo a opinião do prof. Ruellan, o problema da posição do algonquiano em relação ao arqueano é motivo para amplas discussões e provavelmente alguma luz será lançada através da aplicação dos trabalhos de Moraes Rego sobre a série de S. Roque em São Paulo, ao algonquiano da série de Minas.

A Comp. Vale do Rio Doce tem seus planos organizados e estudados para o programa de instalações e exploração racional. Conforme mencionamos, esta entidade tem projetos de atividades intensivas, graças ao contrato com o governo americano, devendo fornecer 150 mil toneladas de minério por mês, em dimensões determinadas previamente.

Esta Companhia foi constituída recentemente com o capital inicial de 200 milhões de cruzeiros divididos em ações de 1.000 cruzeiros; 110 milhões de cruzeiros foram subscritos pelo governo brasileiro e o restante é baseado em subscrição pública.

Além disso, o governo norte-americano forneceu um empréstimo de 14 milhões de dólares numa reserva que responderá à compra de material nos Estados Unidos; durante um período de 25 anos o minério será expedido para esta nação.

Dirige a Companhia um Conselho Diretor constituído de 5 membros, 3 brasileiros e 2 americanos; o presidente é o Dr. Israel Pinheiro, que representa o Estado de Minas.

Para atingir os fins em vista, terá que resolver uma série de problemas que se impõem. Assim, em primeiro lugar, o da escavação que deverá ser feita mecanicamente, a fim de reduzir ao mínimo a mão de obra; a mecanização será levada a tal ponto que o número de 300 a 400 operários será suficiente. O acondicionamento será feito por um britador primário de grande capacidade de produção, instalado sobre a plataforma de 1.200 m de altitude, ao pé do Cauê. Êste aparelho será alimentado por caminhões de uma capacidade de 32 a 35 toneladas e o minério será a seguir transportado diretamente por um funicular para a estação de Presidente Vargas, recentemente inaugurada, enchendo automaticamente os vagões da estrada de ferro Vitória-Minas que os transportarão até Vitória.

Não há dúvida de que o problema do transporte é uma questão de importância capital que exige, em primeiro lu-





Secretaria — Seção de processos escolares

gar, uma transformação das linhas férreas da Vitória-Minas; aliás, o papel da eletrificação será bem vultoso no desenvolvimento dessa indústria. Não só começará pela via férrea, como abrangerá a organização local e a do porto de Vitória. Não é preciso insistir na grande função reservada neste particular às generosas quedas d'água da região.

Entretanto, interessando às bases da produção industrial em larga escala, a energia hidráulica não impedirá o rol do carvão vegetal, que continuará sua atuação associado à pequena siderurgia, especializada na fabricação de certos tipos de aços e como grande fator de povoamento nesta zona em que deflorestamento significa avanço da faixa pioneira e saneamento.

Tem-se, assim, dentro da mesma região Monlevade e Itabira, marcando contrastes definitivos com uma zona de povoamento antigo ligado à atração do ouro; separados por curta distância, relativamente, êstes centros mostram atualmente duas formas diferentes de exploração da riqueza comum — o ferro — em grande parte condicionado pela própria situação geográfica: Monlevade confinada num espaço estreito e Itabira abrindo-se em anfiteatros e rasgada amplamente para a calma peneplanície de leste. Dentro da paisagem moderna, atravessamos uma zona de uma siderurgia à base de lenha e outra que possui facilidade de transporte do carvão mineral e futuramente de energia elétrica.

A riqueza extraordinária do minério do Cauê facilitará a solução do problema dos transportes cuja complexidade aumentará com os crescentes progressos dêsse parque industrial; os vagões que impulsionarão o minério para o litoral poderão voltar carregados de carvão mineral destinado aos

fornos Martin e também de carvão vegetal para a metalurgia de Monlevade. O próprio minério compensará as despesas do frete, pois é indiscutível a sua procura, estando todos os centros industriais ricos bastante interessados.

Além disso, os lucros ainda darão margem para a construção de fornos para produção de aços especiais, à base da energia hidro-elétrica; acrescente-se a inexistência do problema do transporte de certos minerais raros, indispensáveis à obtenção de aços especiais de que o Brasil é bem provido e chegaremos à conclusão de que as condições são realmente favoráveis à plena expansão dêste grande potencial econômico.

Por outro lado, haverá a vantagem de não exigir mão de obra numerosa, deixando, pois, à margem os problemas complexos de povoamento. A agricultura e a criação se aproveitarão igualmente dêstes meios de transporte acrescidos, bem como da instalação de novos consumidores nas cidades.

E, assim, em pouco tempo, dentro do sertão mineiro, quase à meia distância entre a capital mineira e o litoral, ter-se-á à beira das tradições do passado uma cidade jovem e forte, criada dentro de sua própria riqueza pelo engenho do homem e dominando do alto de seu sítio as sombras tortuosas da velha Itabira".

#### CONVERSANDO COM O PROFESSOR THIERS MARTINS MOREIRA

O professor Thiers Martins Moreira é catedrático de Literatura Portuguesa da Faculdade e ali



vem emprestando uma nova feição às atividades didáticas de sua cadeira. Assim é que já organizou dois espetáculos de caráter inteiramente universitário destinados à aprendizagem das letras portuguesas. E a propósito dessas iniciativas assim se expressou o professor Thiers Moreira :

— Sempre me preocuparam os problemas da didática da literatura e, ao assumir a cadeira de Literatura Portuguesa na Faculdade, comecei logo a ensaiar a aplicação de critérios de aprendizagem que me pareciam indispensáveis ao ensino superior das letras. Exemplifico : a dificuldade no ensino do teatro quinhentista, fazendo compreender ao aluno a plástica das cenas, a expressão própria das figuras ideadas pelos autores, só conhecidos através do texto. Lembrei-me das iniciativas clássicas nas Universidades européias e tentei, já em 1942, a primeira representação vicentina a fim de obter no palco, com o jogo das cenas e a interpretação exata das personagens, uma reconstituição tão fiel quanto possível das representações que, diante dos reis de Portugal, fez realizar o próprio Gil Vicente. Tratando-se de um teatro destinado ao ensino das letras e não propriamente a obter um êxito teatral, a representação de 1942, como a segunda em 1944, se fizeram, respeitando os textos da época, sem qualquer adaptação ou modernização.

— E consegui o professor torná-lo assim mesmo interessante, apesar de se tratar de um texto quinhentista ?

— Creio que sim. O êxito entre os alunos eu posso afirmar que foi obtido. Houve perfeita compreensão do texto, sem trazer qualquer dificuldade para os intérpretes no representá-lo. O uso do texto autêntico auxiliou não só a compreensão do fenômeno literário em sua pureza como, em muitos casos, auxiliou a compreensão de certos fenômenos de linguagem que, sem a sua interpretação, tornavam-se naturalmente obscuros. O esforço para encarnar a personagem, reproduzindo-lhe a natureza psicológica, levou o intérprete naturalmente a uma melhor compreensão dos fatos da linguagem que, diante da simples leitura do texto, ou passariam despercebidos ou escapariam à sua inteligência interpretativa.

— E quantas peças o professor fez representar até agora ?

— Em 1942 levamos no palco do salão nobre da Faculdade o célebre "Monólogo do Vaqueiro"

com que, em 1502, Gil Vicente deu início ao seu teatro ou, melhor, fundou o teatro português. O monólogo foi dito em castelhano e não na tradução de Lopes Vieira. Foram representados também o "Auto da Alma" e o *intermezzo* pastoril do "Auto de Mofina Mendes". No ano passado, a cadeira fez representar o diálogo do Príncipe Felício com o eco, da comédia de Rubena, e o "Auto da Feira", uma das peças da maturidade do gênio vicentino. Em ambas as representações a autenticidade foi garantida, não só nos textos como no arranjo da representação.

— E os cenários deveriam ser bem esquisitos, dada a época da representação...

— Nada disto ! Vou adiantar-lhe mais esta informação : não precisamos de cenários. Aliás, como tudo indica, não os houve ao tempo de Gil Vicente. As representações com ele se faziam nas câmaras reais ou nos pátios. Nada indica que houvesse cenários. Diante dessa técnica primitiva de representação, o êxito se calcava inteiramente na melhor interpretação dos versos, o que, para o ensino da literatura, é o mais conveniente — concluiu o professor Thiers Martins Moreira.

## NA BIBLIOTECA

Na Biblioteca conversamos com o escritor Otto Maria Carpeaux, que a dirige.

Instalada no 2.º andar, essa dependência da Faculdade é muito agradável. Ar e luz penetram-lhe por largas janelas, tornando-a confortável e acolhedora.

O escritor Otto Maria Carpeaux, com quem de muito nos acostumamos a conversar aos domingos, através de sua magnífica colaboração ao *Correio da Manhã*, não conhecíamos pessoalmente. Aliás esta reportagem veio oferecer-nos oportunidade de nos aproximar de figuras destacadas de nosso meio cultural que há muito desejávamos conhecer de perto e julgávamos, entretanto, difícil, à falta de ocasião, de motivo que nos permitisse fazê-lo.

E Carpeaux não poderia ser mais acolhedor para com o insignificante repórter do que foi. De lápis em punho íamos fixando com vagar o que ele nos dizia, aquiescendo com solicitude em responder a todas as nossas perguntas. E' esta a *tradução* de nossos rabiscos, espécie de taquigrafia infernal, que nem sempre conseguimos decifrar fielmente.



— Esta biblioteca é, como a própria Faculdade, de formação relativamente recente : data de 1939. Foi organizada numa época na qual já havia certas dificuldades de dotá-la de obras indispensáveis. A tarefa era, portanto, difícil. Apesar dessa deficiência, a Biblioteca foi tratada como se fôsse uma biblioteca já formada, sendo confiada a um serviço de mera conservação. Daí êstes graves inconvenientes que se foram sentindo, em parte, até hoje : insuficiência de coleções, insuficiência dos serviços de compra, insuficiência dos catálogos e, finalmente, antiquado sistema de sua organização em geral.

— E desde quando o senhor a dirige ?

— Desde 1942 e sempre apoiado na confiança da direção desta Faculdade e na do Ministro Doutor Capanema e do Dr. Simões Lopes, Presidente do D.A.S.P. Naquele ano, a situação geral das bibliotecas brasileiras havia melhorado bastante, graças ao trabalho meritório do Instituto Nacional do Livro, dirigido com tanta inteligência pelo doutor Augusto Meyer. Havia também o exemplo de bibliotecas, organizadas conforme os sistemas mais modernos, como a do D.A.S.P., dirigida pela Sra. Lydia de Queiroz Sambaqui. Desde

aquê tempo é também digno de registro a reforma do Curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional, dirigido pelo Dr. Josué Montello.

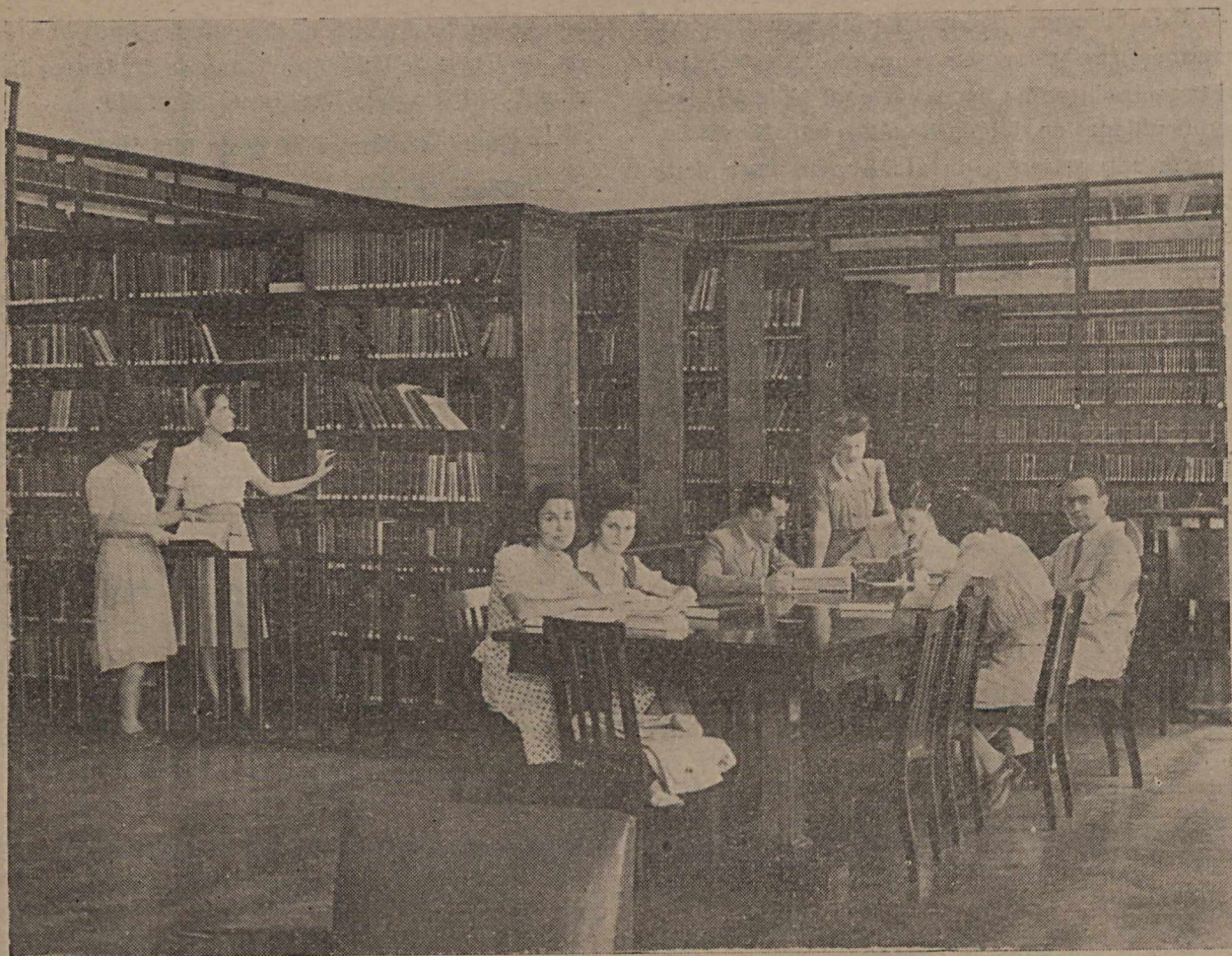
— Quantos volumes há nesta biblioteca ?

— Cerca de vinte mil. As suas instalações, que eram antigamente na praça Duque de Caxias, então muito deficientes, são atualmente, como o amigo pode ver, das melhores existentes. A falta de adoção dos sistemas modernos de biblioteconomia fazia-se sentir nesta biblioteca. E' bem verdade que tínhamos de considerar as circunstâncias gerais e especiais da situação. Como qualquer biblioteca de sua natureza, esta precisava, sobretudo, de cuidados especiais de organização, como centro de estudos de uma escola superior, com 47 cadeiras diferentes, o que lhe empresta, sem dúvida, feição especial. Quero referir-me também ao serviço de empréstimo e de catalogação. O de empréstimos, numa escola superior, é mais importante do que o de leitura na sala, a qual é realizada pelos alunos quase sempre pouco antes das provas. Em geral, gostam êles de estudar em casa. Reconhecendo isso, o serviço de empréstimos de livros aqui foi reformado conforme os modernos princípios vigen-



*O Diretor da Biblioteca, escritor Otto Maria Carpeaux, conversando com o redator da "Revista do Serviço Público"*





*Vista parcial da sala de leitura da Biblioteca*

tes nas bibliotecas norte-americanas. Facilidades correspondentes introduziram-se também com respeito à leitura na própria biblioteca. Depois era preciso reformar o serviço de catalogação. O fichário de autores e o fichário topográfico foram inteiramente reformados. Então, começou a elaboração dum fichário conforme os assuntos. O antigo fichário de assuntos encontra-se em caminho de substituição por outro, conforme o sistema decimal e que serve como livro de consulta: o leitor encontrará nesse fichário a indicação da bibliografia dos assuntos que pretende estudar. A sua elaboração exige conhecimentos muito variados, fato que já diz respeito às circunstâncias especiais a que já me referi.

Na Faculdade Nacional de Filosofia existem atualmente, como disse, 47 cadeiras: línguas e Literaturas grega, latina, portuguesa (com uma cadeira de literatura brasileira), francesa, espanhola (com uma cadeira de literatura hispano-americana), italiana, inglesa (com uma cadeira de litera-

tura norte-americana) e alemã; filosofia, história da filosofia, psicologia, ética, história antiga, medieval, moderna, americana e brasileira; geografia física, humana e do Brasil; antropologia; sociologia, economia política, ciência política, estatística, matemática, geometria superior, física teórica e experimental, química inorgânica e analítica, química orgânica, físico-química; geologia, mineralogia, biologia, zoologia e botânica; e as diversas cadeiras de Pedagogia e Didática.

A variedade dos assuntos cria problemas especiais. A elaboração do catálogo decimal exige conhecimentos científicos dos mais variados, dos quais um bibliotecário em geral não dispõe. Acontece o mesmo com respeito à compra dos livros: a seleção rigorosíssima conforme o valor impõe-se, tanto mais que a verba anual de Cr\$ 100.000,00 não é muito opulenta. Enfim, o chefe de biblioteca precisa de conhecimentos variados também para atender às consultas da parte dos alunos.



Estão esboçadas, com isso, as várias tarefas especiais da biblioteca da Faculdade Nacional de Filosofia. Justifica-se também, dêste modo, o fato de a direção da biblioteca ser confiada, em vez de a um bibliotecário de carreira, a um intelectual de formação universitária.

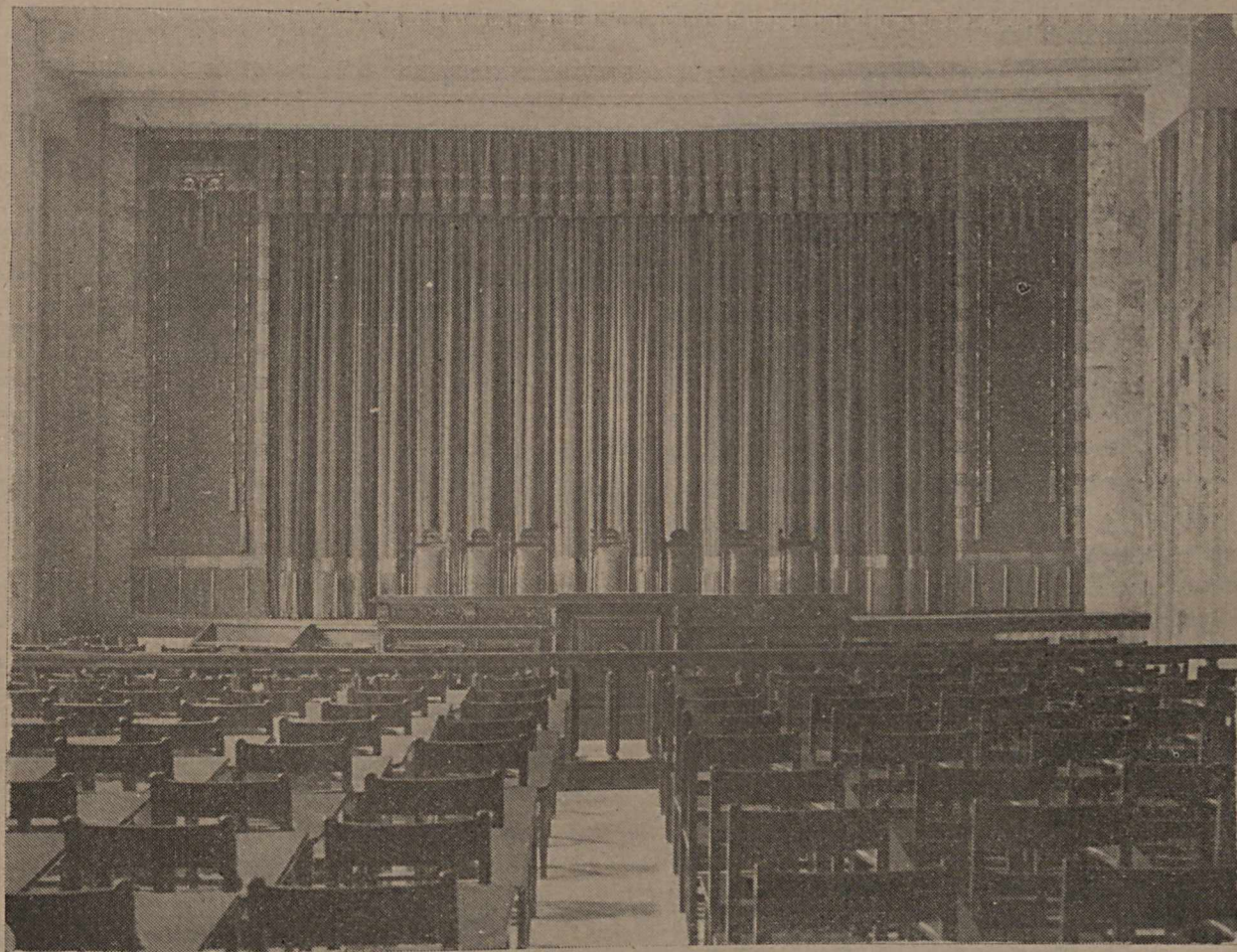
Ora, a situação da biblioteca não pode ser, ainda, considerada ideal. O pessoal existente na biblioteca — 4 funcionários e 3 contínuos — não basta para a manutenção completa de todos os serviços. A verba anual, acima mencionada, basta para completar a biblioteca por meio de compra de novidades no mercado de livros; mas não basta para encher as grandes lacunas em obras básicas e a insuficiência absoluta de certos setores de biblioteca. Enfim, resta a conseguir o supremo fim da administração atual: a transformação da biblioteca da Faculdade Nacional de Filosofia em ativo centro de estudos, tarefa tanto mais importante quando o próximo estabelecimento do intercâmbio

cultural com os países europeus — e particularmente o restabelecimento das nossas velhas e insubstituíveis relações culturais com a França — resultará em novas tarefas materiais e espirituais.

Confiamos, porém, no apoio permanente que nos foi concedido pelo Ministério de Educação e Saúde e pelo D.A.S.P., para podermos completar os nossos serviços e atacar com resolução firme os problemas que estão à nossa espera.

#### CONFERÊNCIAS REALIZADAS NA FACULDADE EM 1944

*Março*: Foram realizadas pelo Prof. Morton D. Zabel, regente de Literatura Norte-Americana, 2 conferências, respectivamente subordinadas aos temas “Espírito e origens da literatura Norte-Americana” e “A situação atual da literatura nos Estados Unidos”.



*Aspecto do salão nobre da Faculdade*



**Abril** : O Prof. Morton D. Zabel realizou 3 conferências, respectivamente subordinadas aos temas : “Benjamin Franklin : The American character and Experience in Litterature”, “Edgar Allan Poe and the Origins of the America Imaginative Tradition”, “Poe as Critic and Influence : The Aesthetic Principle in American Writing”.

**Mai**o : O Prof. Zabel realizou quatro conferências sobre Literatura Norte-Americana e o Dr. Isaias Alves, membro do Conselho Nacional de Educação e Diretor da Faculdade de Filosofia da Bahia, realizou uma, subordinada ao tema “Uma observação da psicologia da criança”.

Em comemoração ao aniversário da “Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnografia”, o Professor Sílvio Júlio de Albuquerque Lima realizou uma conferência sobre “Culturas sul-americanas”.

**Agosto** : O Prof. Fernando Furquim de Almeida, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, realizou uma série de três conferências sobre “Fundamentos de Geometria-Cônica de Klein”.

O Prof. Max Henriquez Ureña, embaixador da República de S. Domingos, pronunciou quatro conferências, em torno da Cultura Hispano-Americana.

O Prof. Joaquim Matoso Câmara Jr. pronunciou uma conferência sobre “Os estudos linguísticos nos Estados Unidos”.

**Outubro** : Do Rev. J. V. Ducatillon, sobre “Política e Religião”; do Prof. Morton Zabel, sobre “A evolução da Literatura norte-americana”; do Prof. Justo Pastor Benitez, sobre Literatura paraguaia; do Prof. Carlton Sprague Smith, sobre “Influências recíprocas entre a França e os Estados Unidos”. Além das conferências, acima enumeradas, ainda realizaram conferências o doutor Afonso Arinos de Melo Franco e o Prof. Stephar de Somogyi Schill, o primeiro sobre “Tomás Antonio Gonzaga” e o segundo sobre “O teatro Europeu na Idade Média”.

#### CONSELHO TÉCNICO ADMINISTRATIVO DA FACULDADE

Estêve o C.T.A. constituído, de janeiro a julho de 1944, pelos professores Djalma Hasselmann, Nilton Campos, Ernesto de Faria Jr., Arthur Ramos de Araujo Pereira, Joaquim Costa Ribeiro e Reinholt José Augusto Berge e, de agosto a de-

zembro, pelos professores Djalma Hasselmann, Nilton Campos, Ernesto de Faria Jr., Arthur Ramos de Araujo Pereira, Joaquim da Costa Ribeiro e José de Faria Góes Sobrinho.

#### ALUNOS QUE CONCLUÍRAM O CURSO DE BACHARELATO

CURSOS	1939	1940	1941	1942	1943	1944
Pedagogia.....	—	8	8	5	8	3
Geog. História.....	—	18	18	17	7	12
Filosofia.....	—	1	1	3	3	1
Ciências Sociais.....	—	4	8	6	4	1
L. Anglo-Germânicas.....	—	9	5	22	5	12
L. Clássicas.....	—	7	14	7	8	6
História Natural.....	—	5	11	1	2	2
Química.....	—	4	3	3	7	4
L. Neo-latinas.....	—	5	9	6	13	12
Física.....	—	—	2	2	—	1
Matemática.....	—	—	10	9	5	6
TOTAL.....	—	61	89	81	62	60 em 1ª. época

#### ALUNOS QUE CONCLUÍRAM O CURSO DE LICENCIAMENTO

CURSOS	1939	1940	1941	1942	1943	1944
Geog. História.....	9	9	23	10	15	7
Hist. Natural.....	1	3	4	7	—	2
L. Neolatinas.....	6	3	5	8	6	10
Química.....	5	1	4	3	2	3
Matemática.....	2	1	—	9	6	5
L. Anglo-Germânicas.....	6	7	9	5	19	4
Desenho.....	7	8	9	7	8	10
L. Clássicas.....	2	4	7	12	4	7
Ciências Sociais.....	1	1	1	6	2	5
Física.....	—	1	—	2	1	—
Pedagogia.....	—	—	8	5	6	7
Filosofia.....	—	—	1	1	2	2
TOTAL.....	39	38	71	75	71	62 em 1ª. época

#### ALUNOS MATRICULADOS NA FACULDADE NACIONAL DE FILOSOFIA

CURSOS	1939	1940	1941	1942	1943	1944
Ciências Sociais.....	31	30	37	30	26	17
Geografia e História.....	87	75	45	47	41	48
História Natural.....	29	21	14	6	9	5
Física.....	5	4	5	4	3	7
Matemática.....	17	22	44	41	49	51
Química.....	20	17	14	14	20	32
Letras Anglo-Germânicas.....	29	47	44	62	50	49
Letras Clássicas.....	34	34	39	33	31	29
Letras Neolatinas.....	34	39	39	38	43	43
Filosofia.....	8	13	10	10	4	3
Didática.....	39	45	78	84	83	76
Pedagogia.....	27	23	18	17	17	27
Disciplinas isoladas.....	—	—	—	—	103	145
Doutorado.....	—	—	3	57	92	64
TOTAL.....	390	376	390	443	571	596

#### RELAÇÃO DOS PROFESSORES CATEDRÁTICOS E REGENTES DA FACULDADE NACIONAL DE FILOSOFIA

I — Filosofia — Maurilio T. Leite Pe-  
nido (Cat. Int.º)  
Jerzy Zbrozek (Regente)



- II — História da Filosofia — Alvaro Borges Vieira Pinto (Cat. Int.<sup>o</sup>)  
René Lucien Poirier (Regente)
- III — Psicologia — Nilton Campos (Cat. Int.<sup>o</sup>)
- IV — Sociologia — Jacques Lambert (Regente)
- V — Política — Victor Nunes Leal (Cat. Int.<sup>o</sup>)
- VI — Estatística Geral e Aplicada — Jorge Kingston (Cat. Int.<sup>o</sup>)
- VII — Complementos de Matemática — José da Rocha Lagôa (Cat. Int.<sup>o</sup>)
- VIII — Análise Matemática e Análise Superior — José Abdelhay (Cat. Int.<sup>o</sup>)
- IX — Geometria — Ernesto Luiz de Oliveira Junior (Cat. Int.<sup>o</sup>)  
Achile Bassi (Regente)
- X — Mecânica Racional, Mecânica Celeste e Física Matemática — Plinio Sussekind Rocha (Cat. Int.<sup>o</sup>)
- XI — Física Geral e Experimental — Joaquim da Costa Ribeiro (Cat. Int.<sup>o</sup>)
- XII — Física Teórica e Física Superior — (Vaga)
- XIII — Química Geral e Inorgânica e Química Analítica — Djalma Hasselmann (Cat. Efetivo)
- XIV — Química Orgânica e Química Biológica — Antônio de Barros Terra (Cat. Int.<sup>o</sup>)
- XV — Físico-Química e Química Superior — João Cristóvão Cardoso (Cat. Int.<sup>o</sup>)
- XVI — Biologia Geral — Antonio Geraldo Lagden Cavalcanti (Cat. Int.<sup>o</sup>)
- XVII — Zoologia — Aloisio Calheiros da Graça Melo Leitão (Cat. Int.<sup>o</sup>)
- XVIII — Botânica — Anibal Revault Figueiredo (Cat. Efetivo)
- XIX — Geologia e Paleontologia — Thomaz Alberto Teixeira Coelho Filho (Cat. Efetivo)
- XX — Mineralogia e Petrografia — Elysiário Távora Filho (Cat. Int.<sup>o</sup>)
- XXI — Geografia Física — Victor Ribeiro Leuzinger (Cat. Int.<sup>o</sup>)
- XXII — Geografia Humana — Josué Apolônio de Castro (Cat. Int.<sup>o</sup>)
- XXIII — Geografia do Brasil — Hilgard Sternberg (Cat. Int.<sup>o</sup>)  
Francis Ruellan (Regente)
- XXIV — História da Antiguidade e da Idade Média — Eremildo Luiz Viana (Cat. Int.<sup>o</sup>)  
Antoine Bon (Regente)
- XXV — História Moderna e Contemporânea — Carlos Delgado de Carvalho (Cat. Int.<sup>o</sup>)
- XXVI — História da América — Sylvio Julio de Albuquerque Lima (Cat. Int.<sup>o</sup>)
- XXVII — História do Brasil — Hélio Viana (Cat. Int.<sup>o</sup>)
- XXVIII — Antropologia e Etnografia — Arthur Ramos de A. Pereira (Cat. Int.<sup>o</sup>)
- XXIX — Economia Política e História das Doutrinas Econômicas — Djacir Lima Menezes (Cat. Int.<sup>o</sup>)
- XXX — Língua e Lit. Latina — Ernesto de Faria Junior (Cat. Int.<sup>o</sup>)
- XXXI — Língua e Lit. Grega — Reynholt José Augusto Berge (Cat. Int.<sup>o</sup>)
- XXXII — Língua Portuguesa — Alvaro F. de Souza da Silveira (Cat. Int.<sup>o</sup>)
- XXXIII — Literatura Portuguesa — Thiers Martins Moreira (Cat. Int.<sup>o</sup>)



- XXXIV — Literatura Brasileira — Alceu Amoro-  
roso Lima (Cat. Int.º)
- XXXV — Filologia Românica — Augusto  
Magne (Cat. Int.º)
- XXXVI — Língua e Lit. Francesa — Fortu-  
nat Strowski — (Regente)
- XXXVII — Língua e Lit. Italiana — Arthur  
Chiarappa (Cat. Int.º)  
Aida Bianchini (Cat. Int.º Subst.)
- XXXVIII — Língua e Lit. Espanhola — José  
Carlos Lisboa (Cat. Int.º)
- XXXIX — Língua e Lit. Inglêsa — Melissa  
Stodart Hull (Cat. Int.º)
- XL — Língua e Lit. Alemã — Jorge Hen-  
rique Padberg — Drenkpol (Cat.  
Int.º)
- XLI — Psicologia Educacional — André  
Ombredane (Regente)
- XLII — Estatística Educacional — José de  
Faria Góes Sobrinho (Cat. Efetivo)
- XLIII — Administração Escolar e Educ. Com-  
parada — Antonio Carneiro Leão  
(Cat. Efetivo)
- XLIV — História e Filosofia da Educ. —  
Raul Jobin Bittencourt (Cat. Int.º)
- XLV — Didática Geral e Especial — Luiz  
Narciso Alves de Matos (Cat. Int.º)
- XLVI — Literaturas Hispano-Americanas —  
Manuel Bandeira (Cat. Int.º)
- XLVII — Literatura Norte - Americana —  
Morton Zabel (Regente)
-